

Paraopeba

Dossiê Capela-Velha

Memória, Patrimônio Cultural, Arqueológico e Natural
na Comunidade De Aranha, Brumadinho - MG

Relatório Técnico (AT - PCLE) | 2022/2023

Aedas – Associação Estadual De Defesa Ambiental E Social

Projeto Paraopeba – Região 01

PCLE – Patrimônio Cultural, Lazer E Esporte

**DOSSIÊ CAPELA VELHA: Memória, Patrimônio Cultural, Arqueológico e
Natural na Comunidade de Aranha, Brumadinho-MG**

Junho de 2023

SUMÁRIO

1. IDENTIFICAÇÃO	4
1.1. Contextualização	4
1.2. Objetivos.....	10
1.2.1. Objetivo geral.....	10
1.2.2. Objetivos específicos:	10
1.3. Metodologias.....	11
2. BREVE HISTÓRICO DA CAPELA VELHA	14
3. OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	20
3.1. Águas da Capela Velha	25
3.2. Sítios arqueológicos	27
3.2.1. Ruínas da antiga capela	28
3.2.2. Complexo de mineração de ouro.....	32
3.2.3. Cupiles.....	36
3.2.4. Petróglifos.....	38
3.2.5. Conjunto de moinhos hidráulicos.....	40
3.3. Gruta	45
4. USOS TRADICIONAIS	47
4.1. Moagem de milho.....	47
4.2. Lavagem de roupas e utensílios	50
4.3. Lazer e turismo	52
4.4. Práticas religiosas.....	57
5. IDENTIFICAÇÃO DE DANOS.....	58
5.1. Danos às águas, ao patrimônio, cultura, turismo e lazer.....	58
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
6.1. Capela Velha: patrimônio a ser protegido.....	66
6.2. Recomendações técnicas sobre as medidas de reparação.....	69
7. REFERÊNCIAS	72

1. Identificação

Título: DOSSIÊ CAPELA VELHA: Memória, patrimônio cultural, arqueológico e natural na comunidade de Aranha, Brumadinho–MG

Tipo de Relatório: Dossiê – Levantamento de dados de campo e demais fontes (bibliográficas, cartográficas e iconográficas) de pesquisa a partir de demanda comunitária.

Data: Janeiro a Junho de 2023.

Instituição Executiva: ATI – AEDAS

Coordenação: Gabriela Cavalcanti Macêdo [PCLE R1] e Caroline Malta Santos Almeida [MOB Rurais]

Técnicas: Ana Beatriz Nogueira Pereira [PCLE R1], Gabriela Magalhães Azevêdo [PCLE R1] e Alenice Maria Motta Baeta [PCLE R2].

Palavras-Chave: Memória; lazer; patrimônio cultural; sítios arqueológicos; área de ocupação tradicional; pertencimento; acesso a água.

1.1. Contextualização

Aranha é um dos cinco distritos do município de Brumadinho e está localizado na margem direita do Rio Paraopeba, na encosta da Serra dos Três Irmãos. A origem do povoado remonta ao final do século XVII e início do século XVIII, e compunha, junto ao atual povoado Melo Franco, o antigo povoado de Jesus Maria José da Boa Vista do Aranha, primeiro nome da localidade. Durante o período do Império, Aranha pertenceu a Ouro Preto, sendo elevada à categoria de distrito em 1846. Em 1923, o distrito passou a pertencer ao município de Itabirito, sendo anexado ao município de Brumadinho em 1938, com sua emancipação (Senac Minas 2020 *apud* Conectaret 2022a). Segundo dados do IBGE, em 2010 o distrito de Aranha contava com 2.124 residentes,

distribuídos em 1.079 domicílios. Fazem parte do distrito de Aranha os povoados Aranha, Córrego de Almas e Melo Franco (Conectaret, 2022a).



Imagem 01: Imagem do Povoado de Aranha, outrora denominada Jesus, Maria e José de Boa Vista do Aranha. Fonte: Jardim e Jardim, 1982, p.72.

Em dezembro de 2022, moradores da comunidade de Aranha e representantes da Associação Comunitária do distrito procuraram a equipe de Mobilização da Aedas (MOB AEDAS) com uma solicitação de apoio na análise da demanda relacionada ao território conhecido tradicionalmente como Capela Velha. A demanda chegou até a ATI, integrando o processo de identificação de danos e das discussões em torno das medidas de reparação coletiva, após o terreno ter sido comprado pela Vale S. A. em 2022.

A comunidade sempre fez uso da área da Capela Velha, em comum acordo com os antigos proprietários: utilizava-se a área nos fins de semana e feriados para lazer. Mas em 2022, quando o terreno foi comprado pela empresa poluidora-pagadora Vale S.A., a mineradora passou a restringir o acesso das pessoas ao território através de seguranças e drones, agravando ainda mais os danos sofridos pela comunidade e gerando um processo de

revitimização dos atingidos. O processo de aquisição do terreno pela Vale S.A. gerou preocupação e medo nas pessoas da região, aumentando ainda mais as suas preocupações sobre os planos da empresa em relação a esse território.



Imagem 02: Placa de “Propriedade particular” no padrão de outras placas da empresa Vale S.A. Acervo: Associação de Moradores da Comunidade do Aranha, 2022.



Imagem 03: Corrente colocada após a “entrada” da Vale S.A. no território. Acervo: Associação Comunitária de Aranha, 2022.

Sendo assim, a demanda trata da **reivindicação de reconhecimento deste território como lugar de uso e ocupação tradicional pela comunidade de Aranha para atividades de lazer, turismo e práticas religiosas, que abriga um importante conjunto de sítios arqueológicos e patrimônio de valor histórico, cultural e natural.**

As primeiras conversas, trocas de e-mails e reuniões se deram no sentido de alinhamento e explicações acerca da solicitação da comunidade e como a ATI poderia fornecer esse apoio. Devido ao seu teor, a demanda foi encaminhada para ser trabalhada em conjunto entre a MOB e a Área Temática (AT) de Patrimônio Cultural, Esporte e Lazer (PCLE).

A equipe da Aedas teve acesso a informações a partir de reunião de alinhamento com moradores locais, representantes da Associação

Comunitária, que nos enviaram a minuta de um ofício que estava sendo elaborada à época, com o intuito de ser direcionada às instituições de justiça e órgãos públicos de patrimônio. Nesse sentido, a Associação solicitou apoio da ATI na escrita deste ofício e na produção de material técnico para subsidiar essa demanda, tendo como produto final este dossiê, que contém o detalhamento técnico a partir de um olhar histórico, arqueológico, antropológico e arquitetônico para o território da Capela Velha.

No dia 01/02/2023, foi realizada uma visita técnica à Comunidade do Aranha em Brumadinho (RI) para reconhecimento da área Capela Velha e realização das primeiras entrevistas com pessoas da comunidade. Participaram da visita e das conversas e entrevistas livres pessoas atingidas moradoras da comunidade, conforme consta em lista de presença.

No dia 08/02/2023 houve uma segunda visita para complementação das entrevistas e levantamento de história oral com pessoas mais velhas da comunidade, na sede da Associação comunitária. Além disso, atingidos disponibilizaram acervo pessoal de fotografias históricas para digitalização. No dia 07/03/2023 foi realizada uma terceira visita técnica da equipe da Aedas. O objetivo dessa visita foi a realização de uma análise técnica da área, sob a perspectiva do patrimônio cultural e da identificação e caracterização de sítios arqueológicos.

A partir dessas três visitas e de reuniões de alinhamento entre moradores da comunidade e técnicas da ATI, foram levantados os dados a seguir, que constam nesse dossiê, cujo objetivo é evidenciar e fundamentar tecnicamente a reivindicação da comunidade de Aranha por medidas efetivas no sentido da preservação de sua memória, história, patrimônio cultural, natural e arqueológico, bem como do livre acesso à Capela Velha

como território tradicionalmente ocupado pela comunidade e que seja destinada à valorização cultural e atividades de lazer e preservação ambiental.

Nota sobre a nomeação tradicional do território Capela Velha

Acerca da nomeação do lugar, é importante destacar que a partir de relatos orais e fontes documentais (bibliográficas e cartográficas) pode-se afirmar que este território é ocupado há pelo menos 300 anos, remetendo à época dos bandeirantes à procura de ouro, no século XVIII. Um deles, José Cerqueira Aranha, cujo sobrenome batizou a comunidade, ocupou esse território em torno das águas abundantes, construindo um sistema de canais de água para abastecimento humano e compondo um complexo de mineração de ouro, cujas ruínas podem ser encontradas em meio à mata e da qual falaremos adiante. Essa ocupação territorial provavelmente contava com um número considerável de pessoas, dentre elas pessoas escravizadas, e uma capela, indicada em mapas muito antigos. Provavelmente essa antiga capela do século XVIII deu nome ao lugar, que passou a ser denominado localmente como Capela Velha. Em uma de nossas visitas técnicas identificamos as ruínas da estrutura dessa antiga capela, que consideramos um importante sítio arqueológico. Nesse sentido, ressaltamos que ao longo do documento, quando nos referimos ao território reconhecido tradicionalmente pela comunidade, utilizaremos o termo “Capela Velha” em letras maiúsculas, e, ao denominar especificamente a capela como edificação (e suas ruínas), utilizaremos apenas “capela”, em letras minúsculas.

entendimento restrito e limitante, mas envolve entendimentos antropológicos, históricos, sociais, ambientais, integrando as relações humanas e essas relações localizadas temporalmente e espacialmente.

Nota introdutória sobre os conceitos de território e lugar

Escolhemos utilizar o conceito de “território” para designar o lugar em questão, por ser um termo amplamente reconhecido em diferentes áreas do conhecimento e também juridicamente. Conceito que pode e deve ser compreendido para além da dimensão física e material, abrangendo também as dimensões das relações sociais, simbólicas, culturais, identitárias. Nesse sentido, pensamos os territórios sob uma perspectiva que vai além do entendimento restrito e limitante, mas envolve entendimentos antropológicos, históricos, sociais, ambientais, integrando as relações humanas e essas relações localizadas temporalmente e espacialmente.

Nossa abordagem se aproxima da definição de Paul Little (2002) sobre “territórios sociais”, estes constituídos a partir de relações sociais e históricas e ao mesmo tempo constituem identidades, pertencimentos, fronteiras. Mais do que um espaço físico com uma delimitação mensurável objetivamente, a perspectiva que adotamos entende o território como fruto de “processos de territorialização” (ALMEIDA, 2006), produzidos a partir de experiências coletivas, tensões, relações de poder. Nesse sentido, a análise vai além de uma lógica cartorial e leva em consideração como legítimas as experiências das pessoas situadas nos lugares, o que nos leva a compreender certos territórios como “tradicionalmente ocupados” (ALMEIDA, 2006), e objeto de lutas e reivindicações por reconhecimento e direitos sociais dos povos e suas dinâmicas territoriais particulares. Nossa perspectiva territorial, aproxima-se então do conceito de “lugar” (TUAN, 1983) termo que eventualmente também será acionado ao longo deste texto. Lugares são dotados de valores, são lócus de “produção de memória e de identidades coletivas” (NORA, 1993), de sentidos, de experiência, de tensionamentos e luta por direitos.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

Levantar e sistematizar dados sobre a história e o patrimônio cultural, natural e arqueológico da Capela Velha, ocupado tradicionalmente há cerca de três séculos pela comunidade, sobretudo em função de suas águas e características históricas, culturais, sentimentais e naturais. Essa sistematização se organiza em dados históricos, pesquisa em fontes bibliográficas, cartográficas e iconográficas, pesquisa de campo, identificação e levantamento de dados dos sítios arqueológicos, pesquisa de história oral com lideranças e pessoas mais velhas da comunidade, levantamento de dados fotográficos acerca do uso tradicional e da história desse território.

1.2.2. Objetivos específicos:

- Realizar análise técnica desses dados sob uma perspectiva transdisciplinar com viés histórico, antropológico, arquitetônico e arqueológico;
- Realizar identificação, registro e análise técnica acerca dos sítios históricos e arqueológicos existentes na área;
- Sistematizar os dados levantados em campo;
- Realizar identificação de danos coletivos e difusos, relacionados ao lazer, cultura, memória, saúde e meio ambiente, decorrentes do rompimento da barragem da Vale S. A. em 2019;
- Evidenciar o posicionamento da comunidade acerca da recusa ao fato de que a área seja apropriada pela empresa poluidora responsável pelo desastre em questão;

- Subsidiar tecnicamente as demandas da comunidade local pela retomada do acesso e uso da área para atividades relacionadas ao lazer, passeios ecológicos, preservação de patrimônio cultural e arqueológico e memória da comunidade;
- Evidenciar a reivindicação pelo uso e gestão comunitária da área, relacionando com os debates acerca da reparação integral, no âmbito dos anexos do Acordo, em especial, ao Anexo 1.1;
- Organizar as informações recolhidas em campo, como as transcrições de entrevistas, fotografias tiradas *in loco*, fotografias históricas digitalizadas, georreferenciamento da área, narrativas, cadastramento de sítios arqueológicos, dentre outros dados, para subsidiar o reconhecimento do território como tradicionalmente ocupado pela comunidade e como patrimônio cultural, arqueológico e natural de grande relevância para a comunidade de Aranha e município de Brumadinho.

1.3. Metodologias

Este dossiê foi realizado por uma equipe técnica multidisciplinar, que contou com uma antropóloga, uma arquiteta e uma arqueóloga, além de ter sido pauta de diversas discussões da equipe da Área Temática Patrimônio Cultural, Lazer e Esporte (AT PCLE), da Região 1, contando assim com a contribuição de profissionais da área da História, do Direito, da Ciência da Informação, dentre outros.

As metodologias utilizadas basearam-se em dados primários e secundários. Os dados primários foram coletados *in loco* através de entrevistas temáticas, utilizando-se de metodologias da Memória e História Oral, além do levantamento, identificação e análise de elementos territoriais, históricos, arqueológicos e arquitetônicos. Os dados secundários tomaram como base fontes bibliográficas, cartográficas e fotográficas.

▪ **Memória e história oral**

As pessoas entrevistadas, dentre lideranças locais e pessoas idosas com vasta experiência de vida no território, foram indicadas pelas pessoas atingidas que acompanharam a demanda. As entrevistas, conduzidas pela antropóloga da equipe, foram realizadas presencialmente, em locais escolhidos pelas pessoas entrevistadas, gravadas e transcritas posteriormente. Ao todo foram realizadas 3 entrevistas, sendo a primeira delas com duas lideranças locais, respectivamente com 53 e 61 anos, também representantes da Associação Comunitária de Aranha; a segunda entrevista foi realizada com um morador da comunidade de 73 anos. A terceira entrevista foi realizada com um grupo de 7 mulheres da comunidade, dentre lideranças e pessoas idosas, na sede da associação local. Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e analisadas a partir dos eixos e categorias que se mostraram relevantes no processo de análise técnica desta demanda, sendo os principais eixos identificados: a **tradicionalidade e identidade**, as práticas relativas ao **lazer**, as **práticas religiosas** como batismos e as ruínas da antiga capela; a **centralidade das águas** para esse território e todos os usos tradicionais; as **práticas alimentares e de autoconsumo**, como os moinhos de fubá; a questão patrimonial vista de forma integrada e em conjunto, a saber, o **patrimônio histórico, patrimônio natural e patrimônio arqueológico**.

A utilização da *história oral* e de *entrevistas temáticas* como metodologias de pesquisa se fazem de grande relevância, pois evidenciam através das narrativas de sujeitos localizados temporalmente, elementos da experiência vivida individual e coletivamente, os aspectos da tradicionalidade e da importância do território na constituição da história, memória e identidade desta comunidade, bem como das violências historicamente sofridas (MAGALHÃES, 2017; DELGADO, 2003).

“O passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos é desafio possível de ser enfrentado. À História e à memória compete buscar empreender tal tarefa. Sua contribuição maior é a de buscar evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, que mesmo sendo identidades sempre em curso (...) são esteios fundamentais do autorreconhecimento do homem como sujeito de sua história” (DELGADO, 2003, p. 13-14).

A partir das metodologias de memória e história oral conseguiu-se levantar dados substanciais para entender os valores simbólicos, culturais e identitários da Capela Velha para a comunidade, o que levou também a identificação de vestígios arqueológicos no território, durante a visita de campo.

▪ **Levantamento e identificação de Sítios Arqueológicos**

A equipe multidisciplinar da PCLE, em visita técnica ao território da Capela Velha, conseguiu identificar dezenas de vestígios referentes a 05 (cinco) sítios arqueológicos. Foi feito minucioso registro dos vestígios materiais no local, tais como: marcação das coordenadas geográficas (UTM), registros fotográficos e medições. Somado a isso, foram levantadas informações associadas (relatos orais, fontes bibliográficas e iconográficas) e elaborados mapas com as ferramentas do Google Earth. Os sítios arqueológicos identificados estão em processo de inscrição junto ao Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), do Iphan.

▪ **Pesquisa Documental**

Foram consultadas fontes bibliográficas e cartográficas antigas para obter informações aprofundadas acerca da história da região, o que qualificou a análise dos dados arqueológicos, sempre associados aos relatos orais e memórias de seus moradores mais antigos.

▪ **Levantamento Fotográfico**

Também foram utilizadas como base fotografias antigas de acervos pessoais de moradores das comunidades. As fotografias foram mostradas por essas pessoas durante as entrevistas. Além de configurarem importantes registros históricos *per si*, auxiliaram ainda no trabalho da memória acerca das experiências em torno da área da Capela Velha ao longo de muitos anos. As fotografias foram digitalizadas e algumas delas constam nesse dossiê devidamente identificados. Foram feitos ainda registros fotográficos em campo, nas visitas técnicas, constando também neste documento.

2. Breve histórico da Capela Velha

A Capela Velha é uma área não-urbanizada do distrito de Aranha que se manteve ao longo de séculos como importante espaço de referência, território social (Little, 2002) e lugar de memória (Nora, 1993) para a comunidade. Podemos dizer que tal território congrega atividades, usos tradicionais e memórias coletivas em sua ampla diversidade: de lavagem de roupa e utensílios domésticos, passando pelo lazer com os banhos de cachoeira, os batismos no rio, as lembranças dos mais velhos sobre as histórias da antiga capela e do período de mineração, a utilização dos moinhos para transformação do milho em fubá, a preservação da mata ciliar

com impacto na manutenção da fauna e flora e vestígios arqueológicos de diferentes períodos históricos.

Podemos afirmar então, que a Capela Velha diz respeito a uma referência material e simbólica na construção social, histórica e identitária da comunidade de Aranha e agrega elementos de valor natural, paisagístico, patrimonial, arqueológico, tradicional, alimentar, dentre outros, reconhecidos pela comunidade e evidenciados nas narrativas de história oral. A área reconhecida pela comunidade é de em torno 9,3 hectares, como pode-se ver no mapa a seguir.



Mapa 01: Delimitação do território Capela Velha. Elaborado por Gabriela Azevêdo com base em imagens do Google Earth, 2023.

Há uma reivindicação de reconhecimento deste território como lugar de uso e ocupação tradicional pela comunidade de Aranha para práticas de lazer, turismo e práticas religiosas. O território em questão possui um córrego de grande beleza natural, que forma uma corredeira por entre numerosas

pedras, contornada por mata ciliar. Abriga uma caverna em afloramento quartzítico e cinco sítios arqueológicos, que são:

- Ruínas da antiga capela
- Complexo de mineração de ouro
- Cupiles
- Petróglifos¹
- Conjunto de moinhos hidráulicos



Imagem 04: Corredeira da Capela Velha. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

¹ As explicações a respeito do que são Cupiles e Petróglifos estão explicadas nas páginas 29 e 31, respectivamente.



Imagem 05: Moinhos da Capela Velha. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

De acordo com relatos orais e fontes bibliográficas, a área em questão é tradicionalmente ocupada há cerca 300 anos pelas famílias da comunidade de Aranha e região, para práticas de lazer, turismo, lavagem de roupas e utensílios domésticos no rio, passeios na mata, banhos, trilhas, práticas econômicas tradicionais como a moagem de fubá nos moinhos, dentre outras atividades. Esta área possui grande relevância para a história e memória da comunidade de Aranha e arredores, estando ligada à origem da fundação do distrito. Segundo os moradores, trata-se de *“um importante patrimônio histórico e cultural da comunidade, além de ser uma área tradicionalmente ocupada pelas famílias”* (Associação Comunitária de Aranha, 2022).

Até a década de 90 o acesso da população à área era livre, de comum acordo com os donos da área, que já era denominada desde tempos remotos por *Fazenda Capela Velha*. Após troca de titularidade do terreno, o acesso ficou restrito, porém, os moradores ainda utilizavam a área para lazer em alguns finais de semana e feriados. Mas em agosto de 2022, segundo relatos dos moradores:

“No mês de agosto de 2022 a empresa mineradora Vale comprou a fazenda Capela Velha e logo as casas que ali existiam foram delas retiradas telhas e janelas. Depois de alguns dias uma empresa de demolição destruiu todas as casas, levou os entulhos para outro local e ainda ampliou a estrada de acesso a área. Para a demolição e retirada do material, a empresa usou máquinas gigantescas, que transitou pela comunidade de Aranha, causando espanto, medo e desinformação. Não ocorreu nenhum tipo de aviso prévio ou consulta para os moradores locais. Após tudo isso, a Vale colocou uma placa na área, entretanto sem o símbolo da empresa, mas o padrão é o mesmo que ela usa em outras comunidades como em Córrego do Feijão.”
(Associação Comunitária de Aranha, Minuta do Ofício, 2022).

Desde essa data, o acesso da população ao território ficou totalmente restrito, sujeito a interpelações de drones e seguranças. A Associação Comunitária solicitou à Vale S.A. informações sobre a compra do terreno, mas até a data da elaboração deste documento, não houve retorno formal. Nas placas de

“propriedade particular” espalhadas pelo terreno não aparece o nome da Vale, mas em uma delas há o nome de uma empresa chamada “Green Metals”. Segundo as moradoras locais, em uma das reuniões com a representante de Relações Comunitárias (RC) da Vale S.A., foi dito por ela que a compra dos terrenos pela Vale S.A. trata de ações de compensação ambiental, mas não forneceu nenhuma informação oficial. Há um grande **medo das pessoas da comunidade, de que a área seja utilizada futuramente para empreendimentos minerários, causando forte preocupação e insegurança em relação ao futuro nas pessoas já atingidas** pelo desastre sociotecnológico de responsabilidade da mesma empresa.

Importante frisar que apesar do território da Capela Velha ser atravessado pela memória histórica da mineração, ele não é utilizado para atividades minerárias há muito tempo e atualmente o que permanece na área são os vestígios arqueológicos da atividade. Sendo assim, a mineração no território está mais para um lugar de memória do que atividade propriamente dita. De acordo com moradores, a compra da área pela Vale S.A. e a restrição ao uso pela comunidade **“não só causou medo, desinformação e indignação junto aos moradores, como também conflitos na comunidade”** (Associação Comunitária de Aranha, Minuta de Ofício, 2022).

Desta forma, este dossiê foi elaborado durante o processo de identificação e sistematização dos danos causados à comunidade pela poluidora-pagadora, juntamente com o levantamento sobre os valores patrimoniais e sítios arqueológicos presentes no território. O dossiê está organizado em três eixos temáticos, que são: 1) Ocupação do território; 2) Usos tradicionais e 3) Identificação dos danos. A **ocupação tradicional** do território foi analisada a partir da identificação dos sítios arqueológicos e dos levantamentos bibliográficos, cartográficos e iconográficos. Os **usos tradicionais** foram

identificados e sistematizados a partir das entrevistas realizadas com os moradores da comunidade, sob a perspectiva da memória e história oral. A **identificação dos danos** vinculados ao rompimento da barragem e seus efeitos sobre a comunidade de Aranha foi desenvolvida ao longo processo de construção do dossiê, a partir das vivências e relatos da comunidade. Ao final do dossiê, encontra-se apontamentos técnicos acerca de possíveis medidas de reparação e proteção do conjunto de sítios arqueológicos e bens culturais de valor histórico e cultural da Capela Velha.

3. Ocupação do Território

O território Capela Velha possui uma ocupação histórica e tradicional por pessoas da comunidade há pelo menos 300 anos. Relatos apontam para uma ocupação ampla e multifacetada ao longo do tempo, com período indefinido, mas que remonta ao século XVIII, com a chegada de bandeirantes que exploravam a região em busca de ouro. O território foi importante devido à **força natural hidráulica de suas águas e outros recursos naturais**, bem como pela existência de veios de ouro, descobertos e ali explorados desde séculos atrás. **Registros arqueológicos apontam para a existência de um grande e complexo sistema de mineração de ouro, a partir do séc. XVIII.** Esse sistema, provavelmente foi reaproveitado e adaptado ao longo dos anos, conforme apontam vestígios materiais, com registros de épocas distintas. Além disso, há relatos orais e vestígios arqueológicos de uma antiga estrutura de capela remanescente existente na área. As ruínas da estrutura da capela, provavelmente datada do séc. XVIII, podem ser observadas *in loco* e configuram um importante registro de memória, história e patrimônio cultural e arqueológico da comunidade de Aranha. De acordo com o levantamento realizado, compreende-se que a ocupação do território conhecido como

Capela Velha foi fundamental na origem do povoado de Aranha, por sua em relação aos fatores econômicos e ambientais. Conforme consta no livro “História e Riquezas do Município de Brumadinho”, de Jardim e Jardim (1982):

*“Aranha: Situado na encosta da Serra dos Três Irmãos, próximo ao Rio Paraopeba, numa pequena elevação. Com o atual povoado de Melo Franco, formava o antiquíssimo povoado de Jesus Maria José da Boa Vista do Aranha. Até hoje, sua igreja tem essa denominação. Dista aproximadamente vinte quilômetros da sede por estrada municipal (...) **o nome do distrito veio do primeiro possuidor de terras da região: José de Cerqueira Aranha, do século XVIII. Conta-se que possuía numerosa escravaria e se ocupava principalmente de minerar ouro; para isso trazia água, de longa distância em canais (regos) ao lugar hoje chamado Capela Velha, onde ainda há vestígios de furnas de mineração.** Com a construção do Ramal do Paraopeba da Estrada de Ferro Central do Brasil, foi construída aí uma estação, denominada Aranha. Logo, uma ordem do ministério da viação fez mudar o nome da estação para o do Ministro da época: Melo Franco. Hoje, Melo Franco, apesar de ter-se tornado um povoado distinto, ainda é pertencente a Aranha. **O povoado de Aranha – feito Curato por decreto imperial de 14 de julho de 1832 – pertencia ao município de Ouro Preto, tendo sido elevado a distrito deste em 1846.** Foi elevado a paróquia pela Lei 3271, de 30 de outubro de 1884, com o nome de Jesus Maria José da Boa Vista. Em 1923 passou a pertencer, como distrito, ao município de Itabirito. E em 1938, ao município de Brumadinho. **Não conserva mais o casario antigo, nem a Igreja,***

substituídos por novos. O povo, entretanto, guardou a histórica imagem de Jesus, Maria e José. Restam, dos tempos antigos, apenas alguns muros de pedra” (JARDIM e JARDIM, 1982, p. 71-73, grifo nosso).

Conforme esses registros, a intervenção humana na área da Capela Velha, na canalização de suas águas e criação de estruturas para a mineração de ouro e outras atividades, é algo que remonta ao século XVIII, época em que viveram ali muitas pessoas, dentre elas, descendentes de africanos escravizados, os quais muito provavelmente construíram estas estruturas, como muros de pedras, canais de água e a própria capela antiquíssima que deu o nome ao lugar e da qual restam bases da sua estrutura e marcas no chão. Sobre a antiga capela, temos registros em mapas antigos (abaixo), datados do séc. XIX, que referenciam a comunidade de Aranha com um símbolo identificado na legenda como “capela”, um forte indício de que seja uma referência à mesma capela localizada no território em questão. Os mapas de época apontam para a **antiguidade** e reforçam a **grande importância do território Capela Velha, com seus recursos naturais, sobretudo suas abundantes águas e veios de ouro na formação e história da comunidade de Aranha.**



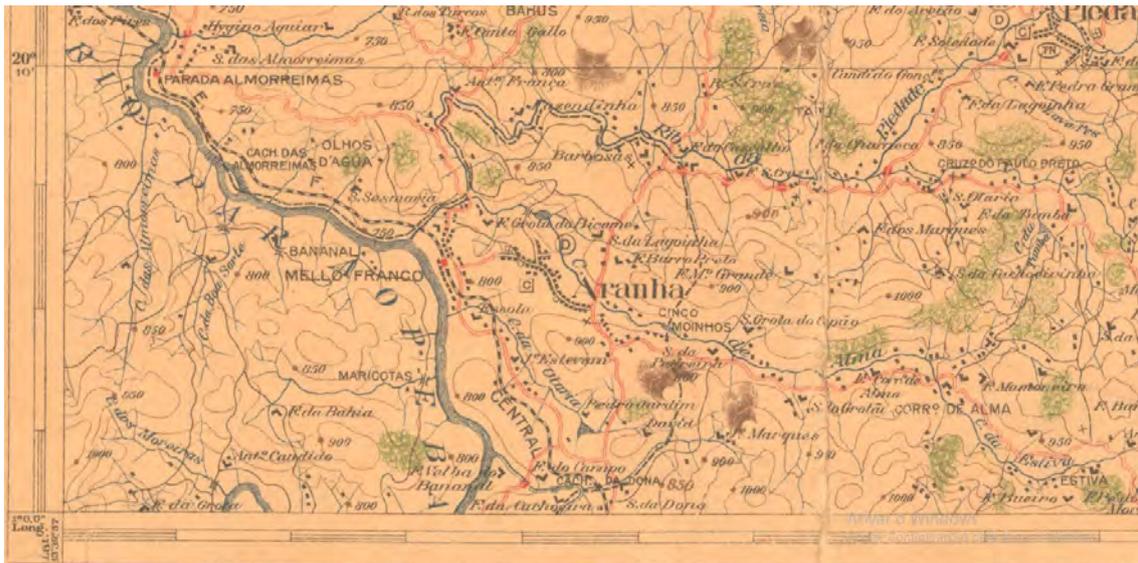
Mapa 02: Mapa da Província de Minas Gerais que indica vale do Paraopeba e a Capella Aranha. Fonte: HALFIELD, H. G F. & WAGNER, F. Mapa da Província de Minas Gerais de 1855 (Marcação nossa).



Imagem 06: Legenda do mapa, indicando, conforme pode ser observado abaixo, o símbolo de capela para designar a comunidade de Aranha à época. Fonte: HALFIELD, H. G F. & WAGNER, F. Mapa da Província de Minas Gerais de 1855 (Marcação nossa).



Imagem 07: Tradução: “Mapa da província brasileira de Minas Gerais, feita sob as ordens do governo da Província nos anos de 1836 1855 feita com a ajuda de mapas antigos e também com novas medições sob acompanhamento orientação especial do engenheiro civil H.G.F. Halfeld. Esboçado e desenhado por Friedrich Wagner. Escala 1:2:000.000”. Fonte: HALFIELD, H. G F. & WAGNER, F. Mapa da Província de Minas Gerais de 1855.



Mapa 03: Documento Cartográfico / Seção Cartographica da Companhia Melhoramentos (Esc. 1:100). Belo Horizonte, 1932.

Destaca-se ainda que a comunidade de Aranha e Melo Franco estão historicamente conectadas, fazendo parte do mesmo distrito atualmente, e conforme registros históricos, eram ambos parte da comunidade de Aranha em tempos mais remotos. Nesse sentido, há relatos de que os canais de água que cortavam a área da Capela Velha chegavam até Melo Franco no passado. Sobre essa questão, é necessário maior análise e aprofundamento, tendo em vista que esta estrutura parece ter sido destruída e ou assoreada em alguns de seus segmentos originários devido focos de desmatamento em localidades de Capela Velha.

Durante as pesquisas de campo que subsidiaram este documento, **foram encontrados, próximo ao sítio arqueológico da Capela Velha em um piso lajeado, inscrições rupestres que podem ser históricas ou pré-coloniais, dentre elas, possíveis petróglifos circulares, além de dois quebra-cocos (cupiles)**, estes últimos, próximos ao terceiro moinho. Nesse sentido, indicamos a importância dos aspectos históricos, culturais e arqueológicos, bem como, a **necessidade de se valorizar este acervo múltiplo junto com a comunidade local e regional.**

3.1. Águas da Capela Velha

Compreendemos que todos os usos tradicionais vinculados a Capela Velha têm alguma relação (direta ou indireta) com a forte presença da água neste território, o que aqui estamos nomeando das **Águas da Capela Velha**.

As águas na Capela Velha possuem a força de elemento agregador, integrador, produtor de sentidos e experiências, história e memória, práticas tradicionais e relações sociais. Tais águas possuem inestimável valor ambiental, material, histórico, cultural, identitário e paisagístico; estando relacionadas a todas as práticas tradicionais que constituem a ocupação deste território, como lazer, turismo, práticas religiosas, práticas de alimentação e subsistência, práticas econômicas como a mineração de ouro, dentre outras. A canalização de cursos d'água, que datam do século XVIII, foi fundamental na constituição da comunidade de Aranha e toda sua história e dinâmicas sociais, culturais e econômicas. Nesse sentido, **deve-se direcionar um olhar atento às águas da Capela Velha de forma integrada, às nascentes e à preservação desses cursos d'água, sob a perspectiva ambiental e social e também da cultura, identidade e memória**. Em um contexto mais amplo de **danos diversos relacionados ao acesso à água em quantidade e qualidade satisfatórias, faz-se necessário atentar para as águas nos territórios atingidos com especial atenção no processo de identificação de danos e medidas de reparação que atendam às reais demandas das comunidades**.



Imagem 08: Águas da Capela Velha.
Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 09: Águas da Capela Velha.
Fonte: Ana Beatriz Nogueira, 2023.



Imagem 10: Águas da Capela Velha. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

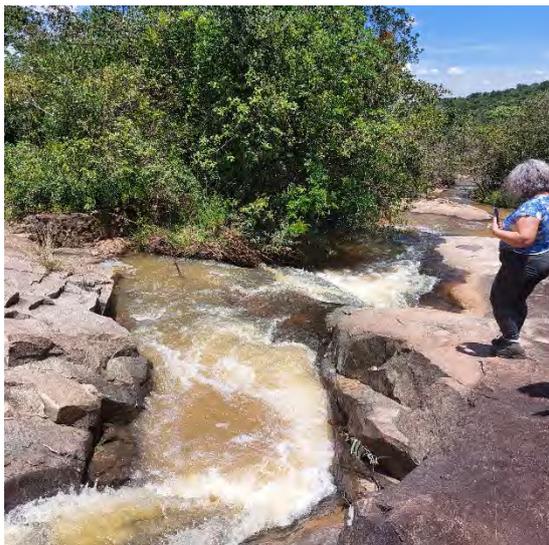


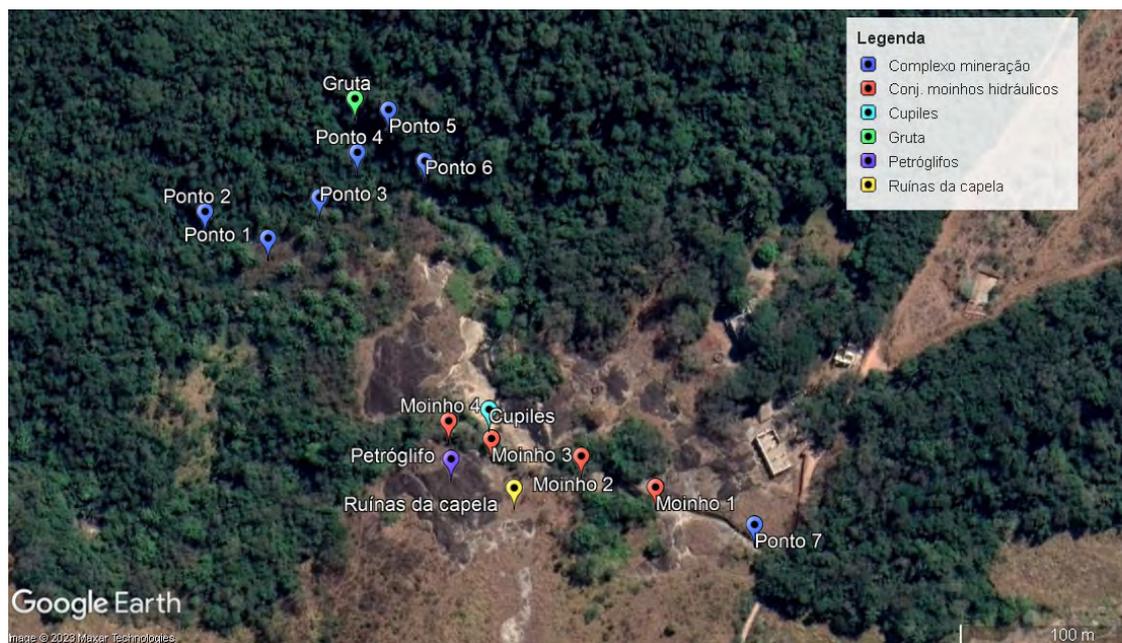
Imagem 11: Águas da Capela Velha.
Fonte: Ana Beatriz Nogueira, 2023.



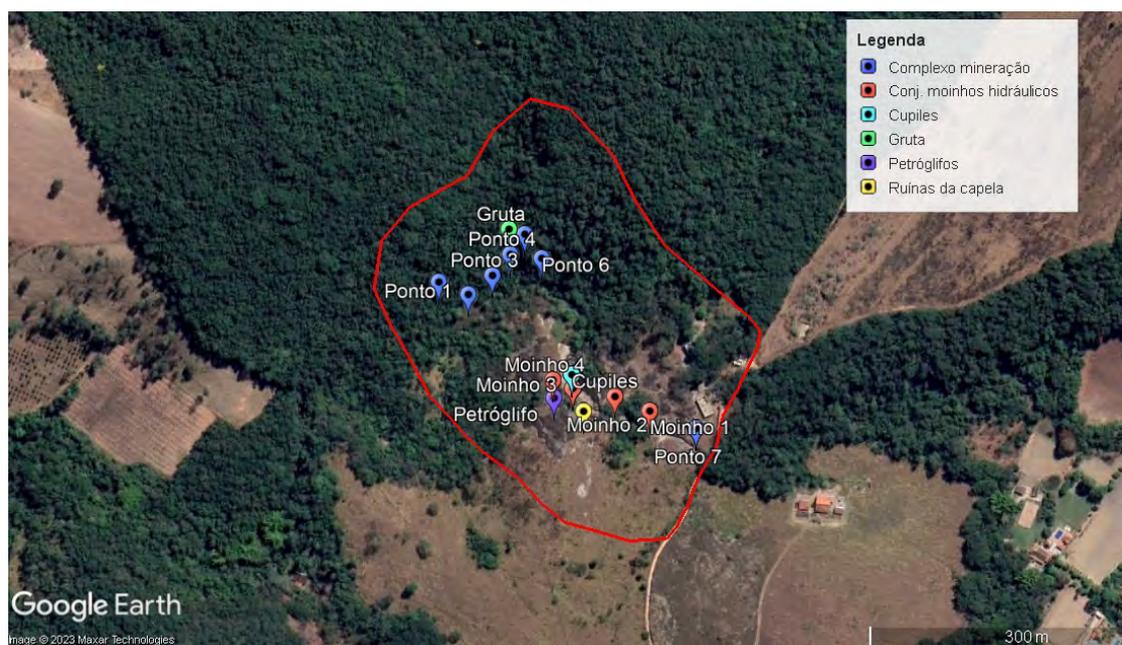
Imagem 12: Águas da Capela Velha.
Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

3.2. Sítios arqueológicos

Em visita a campo foi identificado cinco sítios arqueológicos no território da Capela Velha que estão em processo de inscrição junto ao Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), do Iphan. O registro das coordenadas geográficas UTM auxiliou na elaboração de mapas a partir das ferramentas do Google Earth e na delimitação da área de 9,3 hectares, que engloba todos os vestígios arqueológicos identificados.



Mapa 04: Sítios arqueológicos da Capela Velha. Elaborado por Gabriela Azevêdo e Alenice Baeta com base em coordenadas UTM em imagens do Google Earth, 2023.



Mapa 05: Delimitação do território Capela Velha. Elaborado por Gabriela Azevêdo com base em imagens do Google Earth, 2023.

3.2.1. Ruínas da antiga capela

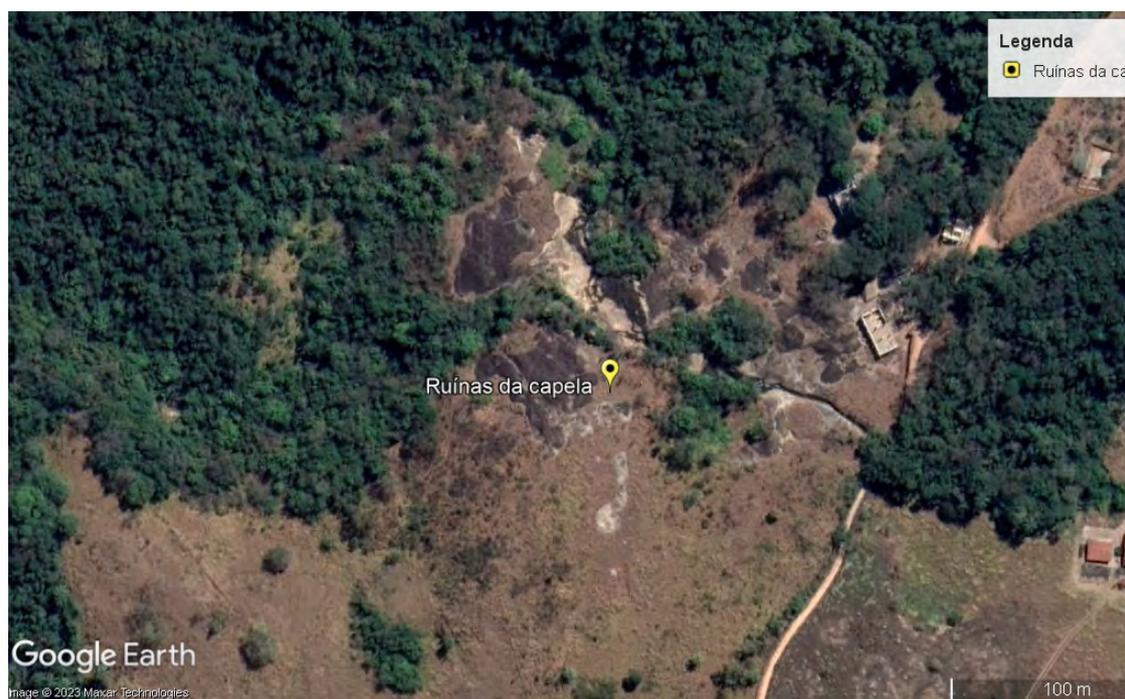
Nas entrevistas orais muitas pessoas da comunidade fazem menção a capela que daria nome ao lugar, como algo muito antigo, que nunca

conheceram e mesmo os pais daqueles mais velhos com os quais conversamos, com cerca de 73 anos de idade. No entanto, reproduziram histórias a respeito de uma capela provavelmente erguida por mão de obra escravizada. No livro de Jardim e Jardim (1982), faz-se menção a registros históricos antigos, ao citar o nome de José Cerqueira Aranha, primeiro possuidor de terras da região, citando a área como conhecida (desde tempos remotos) como Capela Velha, o que nos leva a interpretar que tal capela provavelmente teria sido erguida à época desta primeira ocupação das terras no século XVIII por Cerqueira Aranha (que posteriormente dá nome ao distrito, mas em sua época nomeou a localidade como Jesus Maria e José da Boa Viagem, remetendo aos bandeirantes). Desta forma, podemos interpretar também que o território Capela Velha, com seu complexo de mineração de ouro centenário, os canais de água voltados a esta atividade e ao abastecimento da comunidade que ali vinha se constituindo, e a também antiga capela estão ligados à formação da ocupação social colonial do distrito de Aranha e região, tendo uma grande centralidade nessa história.

Na visita de campo realizada pela equipe da Aedas acompanhada por moradores locais, uma das moradoras indicou localidades onde supunha ser o sítio original da antiga capela, pelo fato de ali não crescer vegetação. Havia uma lembrança de antigos que a capela primitiva ficaria próxima do local onde havia a “ferradura esculpida na rocha” (petróglifos).

A avaliação técnica da arqueóloga identificou vestígios arqueológicos no lugar apontado pelos moradores, encontrando segmentos de estruturas de pedra muito rudimentar sob vegetação rasteira. A sobreposição de distintas fontes (orais, escritas, arqueológicas e iconográficas) apontam para a possível descoberta do lugar da antiga capela e de vestígios do que pode ser estrutura do edifício da capela.

A arqueóloga Alenice Baeta faz a seguinte descrição da paisagem onde está localizado o sítio arqueológico das ruínas da antiga capela: *“Localidade aplainada na paisagem onde se encontrava a capela velha em parte alta de grande lajeado com vista panorâmica do Vale do Aranha, onde nas partes baixas do lajeado há um grande rego esculpido na rocha, associado a sequência de moinhos históricos. Possivelmente os moinhos seriam mais recentes que a o sítio primitivo da capela velha em sua fase original de uso, antes da sua total demolição. Restaram, todavia, as bases pétreas cravadas no solo da edificação. No local aplainado há vestígios de base de pedras quartzíticas esbranquiçadas em formato de lajes mais finas, como também peças mais robustas em cantaria, com quinas bem-feitas, indicando ter sido usadas na montagem e encaixe de alvenaria das rochas”.*



Mapa 06: Local das ruínas da antiga capela. Elaborado por Gabriela Azevêdo e Alenice Baeta com base em coordenadas UTM e imagens do Google Earth, 2023.



Imagem 13: Local onde estava assentada a antiga capela. Fonte: Alenice Baeta, 2023.



Imagem 14: Detalhe de pedra lavrada (cantaria) no local da antiga capela. Fonte: Alenice Baeta, 2023.



Imagem 15: Vestígios de cantaria no local da antiga capela. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023



Imagem 16: Detalhe de pedra lavrada (cantaria) que pode indicar a fundação da antiga capela. Fonte: Ana Beatriz Nogueira, 2023

As dimensões aproximadas da área construída observando as estruturas remanescentes são de 30m x 15 m. Deste local do sítio arqueológico da capela foi possível identificar ainda resquício de um caminho de terra que vai da área da capela e segue em direção a atual de sede de Aranha. O trajeto faz uma curva contornando a mata ciliar do córrego do Aranha e segue em direção a essa estrada. Os vestígios indicam que nos arredores da edificação da capela tenha tido outras benfeitorias e/ou residências de pequeno porte muito antigas.

3.2.2. Complexo de mineração de ouro

Nos relatos orais e fontes bibliográficas, há diversas menções a um antigo complexo de mineração de ouro, do qual os antigos canais de água, conhecidos como regos pelos moradores, faziam parte. Tanto o complexo de mineração de ouro quanto a antiga capela datam da época de José Cerqueira Aranha, que deu início à ocupação de Aranha a partir da área em questão ainda no século XVIII. A área conserva diversos vestígios arqueológicos que comprovam o que a história e a memória oral apontam.

“Essa capela velha era do tempo dos escravos. Eu já trabalhei ali puxando boi, toda vida chamou Capela Velha. Dizem que ali tinha uma igreja velha. O primeiro habitante chamava José Cerqueira Aranha, dizem que ele tinha uma mina de ouro. Não tinha muito preparo, mas ele fazia o que ele entendia. (...) Eles punham fogo na laje, jogava água, aquela calorina que dava, a laje explodia, eles iam quebrando com ponteiro e marreta, abria caminho da água. Hoje põe dinamite, estoura qualquer laje. Então é um lugar que é um patrimônio da região. Desde que abrimos os olhos já enxergamos aquilo. Agora vende pra companhia, proíbe todo mundo de entrar ali. As donas lavavam roupa ali, eles iam, dia de domingo tomar um banhozinho ali, agora já não deixa mais né?” (Morador 3, 73 anos).

“Ele [José Cerqueira Aranha] batizou o povoado primeiro com Jesus Maria José da Boa Viagem. Porque aqui ele parava com os tropeiros pra descansar, acampar, vindo de ouro preto com a tropa. Depois foi Aranha, que era o nome dele. (...) [a Capela

*Velha] era onde eles mineravam ouro, tinha muita pedra né?”
(Moradora 2, 61 anos).*

Sobre a análise técnica do complexo de mineração enquanto um sítio arqueológico, podemos destacar alguns elementos, começando pela existência de um rego principal esculpido nas lajes onde tem a calha do córrego Aranha. Nesta calha foram observadas várias estruturas radiais, tais como: pequenas barragens nos poços naturais das lajes, muros de pedras de junta seca para contenção de regos para a lavagem do ouro, trilhas e caminhos de apoio. Foram também identificados muitos escoros de canais e regos nas encostas de barrancos para a contenção e manejo das águas que emanam das partes altas, com vários desvios, que desaguam ao final na calha principal do córrego Aranha. Aberturas de nichos nos barrancos indicam que foram feitas prospecções a procura de veios de ouro. Pode haver galerias soterradas no local. **Trata-se de uma rede de canais e estruturas de dimensões variadas associadas que indicam momentos de usos e exploração mineral distintos e tecnologias superpostas e reutilização ao longo dos sécs. XVIII, XIX, XX e XXI.**



Imagem 17: Ilustração do documentarista e desenhista J. M. Rugendas de 1825, feita a partir de um sítio de mineração de ouro da região de Ouro Preto, MG, onde podem ser notadas diferentes frentes de exploração aurífera, o primeiro, de aluvião, encontrado em meio ao cascalho; por meio de canal escavado, na área alagada da cachoeira e desvios de afluentes; e ainda, na encosta do barranco e pontos mais altos, onde foi escavada galeria a procura do veio de ouro incrustado na rocha. Esta peça etnográfica ilustra bem a situação identificada no sítio de mineração da Capela Velha (RUGENDAS, 1835).



Mapa 07: Pontos de vestígios identificados do complexo de mineração. Elaborado por Gabriela Azevêdo e Alenice Baeta com base em coordenadas UTM e imagens do Google Earth, 2023.

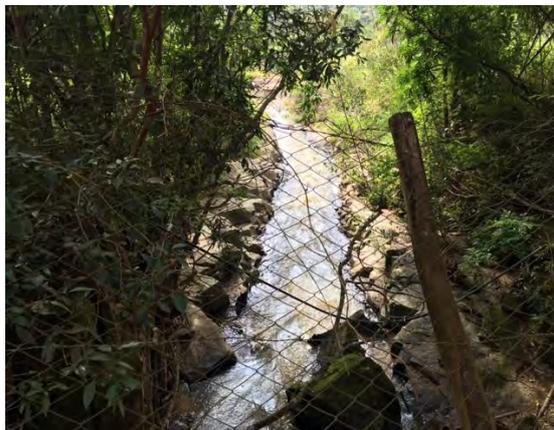


Imagem 18: Rego ou canal principal do Córrego Aranha avistado da ponte, que faz parte do sítio arqueológico de mineração da Capela Velha. Fonte: Alenice Baeta, 2023.



Imagem 19: Trecho de muro de arrimo ou de estrutura de canal de apoio da atividade de mineração junto ao Córrego Aranha. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 20: Detalhe da estrutura do complexo de mineração de ouro. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 21: Vestígio arqueológico de peça em bambu, possivelmente utilizado como calha. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

3.2.3. Cupiles

Foram encontrados em campo duas cupiles no lajeado próximo aos moinhos. Trata-se de dois orifícios perfilados feito por apicoados, fricção e polimento. Trata-se de **importante e rara evidência arqueológica em relevo rochoso neste tipo de paisagem**. Possivelmente usada para a prática alimentar tradicional de quebra-coco (coquinhos) em local de lazer ou trabalho. No local, há muitos coqueiros. O orifício rupestre menor tem 3 cm de diâmetro e a maior, possui 5 cm de diâmetro. Foram classificadas como “inscrição rupestre”. Não é possível precisar a data de confecção, **podem ser pré-coloniais ou históricos**. Foram cadastradas no CNSA como inscrição rupestre de interesse arqueológico e/ou de alimentação tradicional.



Mapa 08: Localização das cupiles. Elaborado por Gabriela Azevêdo e Alenice Baeta com base em coordenadas UTM e imagens do Google Earth, 2023.

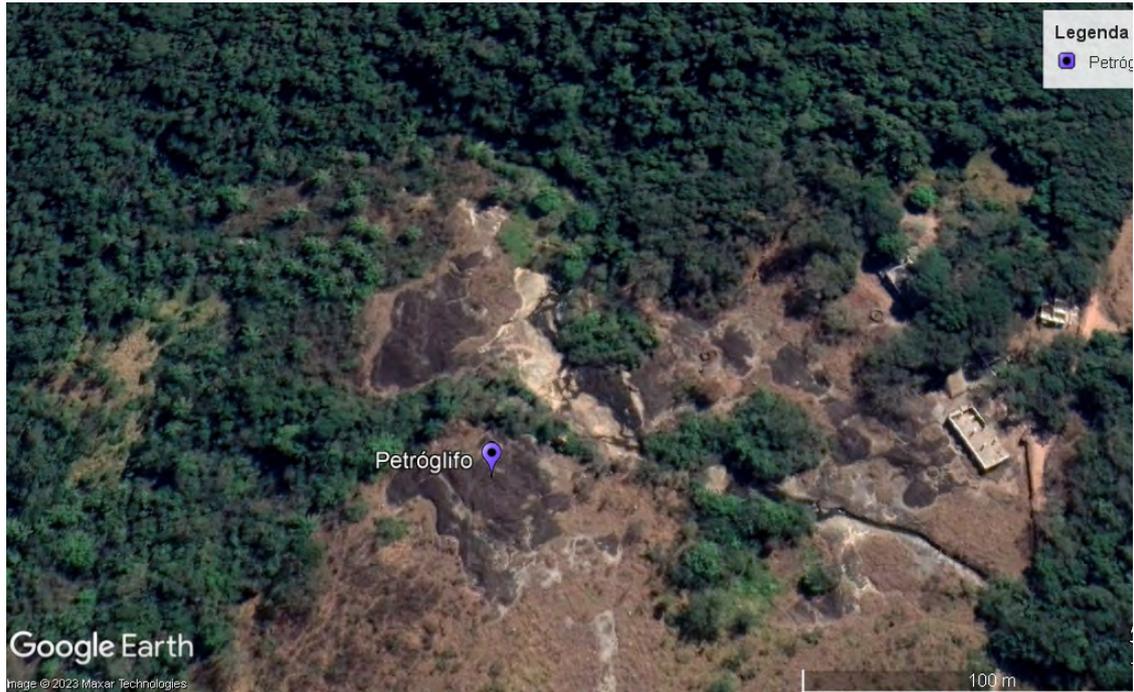


Imagem 22: As duas cupiles encontradas, com 20cm entre elas. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

3.2.4. Petróglifos

Inscrição rupestre composta por três inscrições associadas, próximos em lajeado que fica entre o sítio arqueológico da antiga capela e o terceiro moinho. Feitas por apicoados. Não é possível precisar a data de sua confecção, mas é importante e rara evidência em relevo em contexto arqueológico. Poderia estar associado aos quebra-cocos ou cupiles do lajeado próximo, por serem inscrições rochosas. Podem ser pré-coloniais ou históricos. O petróglifo foi mencionado nas entrevistas orais como uma curiosidade, um local onde as pessoas da comunidade e visitantes sempre viam nos passeios até a área e se indagavam sobre como surgiu. Muitas menções a esta inscrição rupestre nas entrevistas se referem à “ferradura” ou “pata de cavalo” e conta-se sobre histórias, mitos e lendas locais relacionadas a essa inscrição na pedra. Na visita técnica, a marca foi indicada por uma moradora local, que a conhecia desde sua infância. Foi cadastrada no CNSA como inscrição rupestre de interesse arqueológico e simbólico.

“Era uma marca na pedreira da esquerda, pra cima dos moinhos, na parte seca, que não tem água, era a marca de uma pata de animal (...) parecido com o milagre de Nossa Senhora Aparecida” (Moradora 2, 61 anos).



Mapa 09: Localização dos petróglifos. Elaborado por Gabriela Azevêdo e Alenice Baeta com base em coordenadas UTM e imagens do Google Earth, 2023.



Imagem 23: Um dos petróglifos encontrados. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 24: Um dos petróglifos encontrados. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 25: Lajedo onde os petróglifos estão localizados. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 26: Alenice Baeta, arqueóloga da equipe, junto a um dos petróglifos com escala. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

3.2.5. Conjunto de moinhos hidráulicos

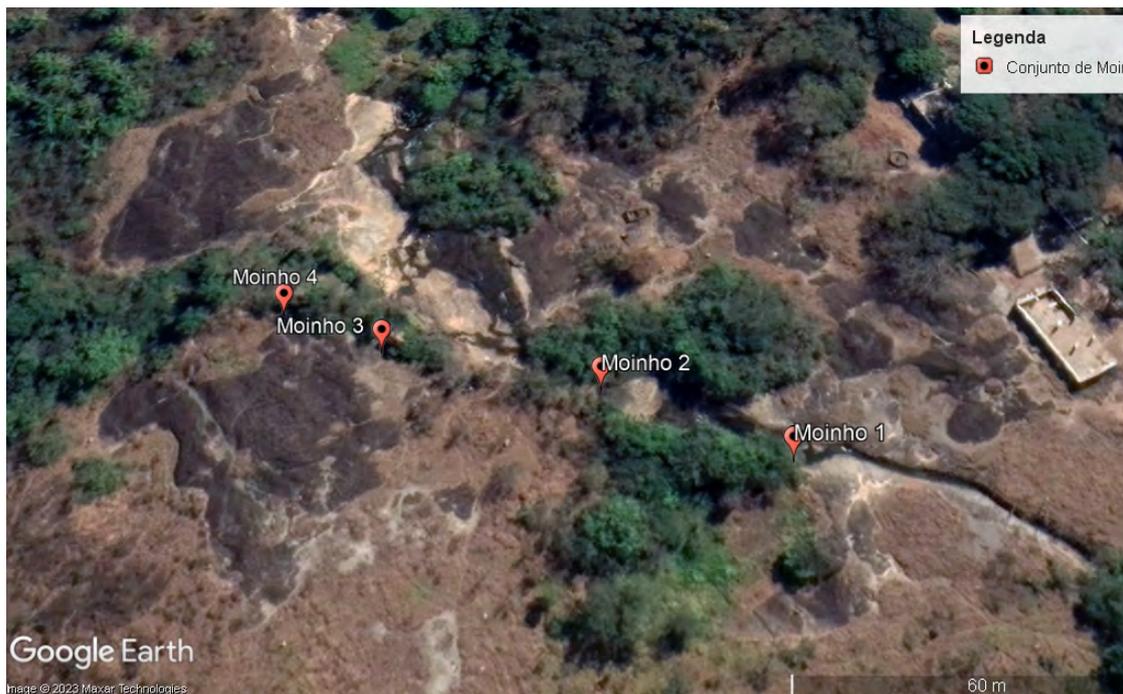
O território Capela Velha é amplamente conhecido pelas pessoas da comunidade de Aranha, além de outras memórias, pela utilização há mais de um século de seu conjunto de moinhos hidráulicos, construídos possivelmente no final do séc. XIX, para atividades de subsistência, como a moagem do milho para alimentação das famílias, de animais e venda de excedentes. Segundo a arqueóloga Alenice Baeta, : *“os moinhos são a marca importante de um período histórico e da memória do estado de Minas Gerais. São elementos que se relacionam a ocupações diversas dos territórios, formação de povoados e relações sociais, atividades econômicas e de subsistência e outras práticas tradicionais”*.

“Onde quer que se localizassem, os moinhos cumpriam um importante papel nas suas paragens, fornecendo o fubá para a confecção de bolos, broas, sopas e angu-cujo papel sempre foi destacado na alimentação dos escravos. Da moagem realizada nesses rústicos maquinismos, provinha também a quirera (ou canjiquinha como é chamada em Minas Gerais), fundamental na criação de porcos, cavalos e aves domésticas” (ANDRADE, 2014, p.143).



Imagem 27: Sistema de moinhos hidráulicos horizontais, similar ao sítio arqueológico da Capela Velha, Fonte: ANDRADE, 2015, p. 141.

O conjunto de moinhos da Capela Velha é formado por quatro moinhos, construídos perfilados ou horizontais, apresentando arquitetura vernacular caracterizada por bases de alvenaria de pedra, paredes de pau-a-pique e telhas coloniais sobre regos esculpidos no solo e na rocha do lajeado onde correm águas do Córrego Aranha. Pode ser que originalmente o número de moinhos fosse maior, mas a vegetação atual impede a identificação de outras estruturas eventuais de antigos moinhos na sequência linear. Atualmente são identificados quatro moinhos remanescentes, sem necessidade de limpeza da vegetação. Alguns deles passaram por mudanças no tipo de alvenaria, provavelmente porque o pau-a-pique tenha se deteriorado. Observa-se reformas em parte dos moinhos com tijolos de oito furos e adobe, regos cimentados e instalação de canos metálicos nas bases pétreas. Um dos moinhos possui peças tradicionais de madeirame do maquinismo do moinho de rodízio. Em entrevista, moradoras locais indicaram que estão sentindo falta de uma peça pétreo circular que fazia parte de um dos moinhos do conjunto, no caso, uma *mó*. Aguarda-se que esta peça seja devolvida ao seu local de origem. O quarto moinho identificado apresenta somente a sua base de alvenaria de pedra, já tendo perdido as paredes de taipa pau-a-pique. Importante salientar a necessidade de medidas de proteção, conservação e restauro deste importante acervo, sobretudo do moinho que mantém suas peças de madeira e pedra.



Mapa 10: Localização do conjunto de moinhos hidráulicos. Elaborado por Gabriela Azevêdo e Alenice Baeta com base em coordenadas UTM e imagens do Google Earth, 2023.



Imagem 28: Conjunto de moinhos hidráulicos. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 29: Conjunto de moinhos hidráulicos. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 30: Conjunto de moinhos hidráulicos Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 31: Conjunto de moinhos hidráulicos Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



Imagem 32: Peças de madeira na parte interna de um dos moinhos. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

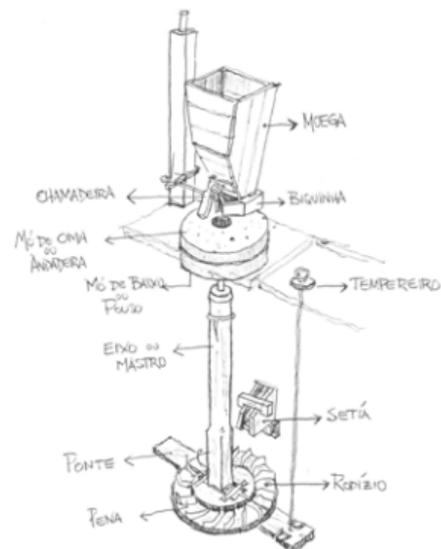


Imagem 33: Esquema de moinho de rodízio com as indicações das terminologias mais usuais na região sudeste e similar ao modelo identificado na Capela Velha. Fonte: ANDRADE, 2015, p.138.



Imagem 34: Ruína de parede de alvenaria em pedra, onde possivelmente havia um moinho. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.



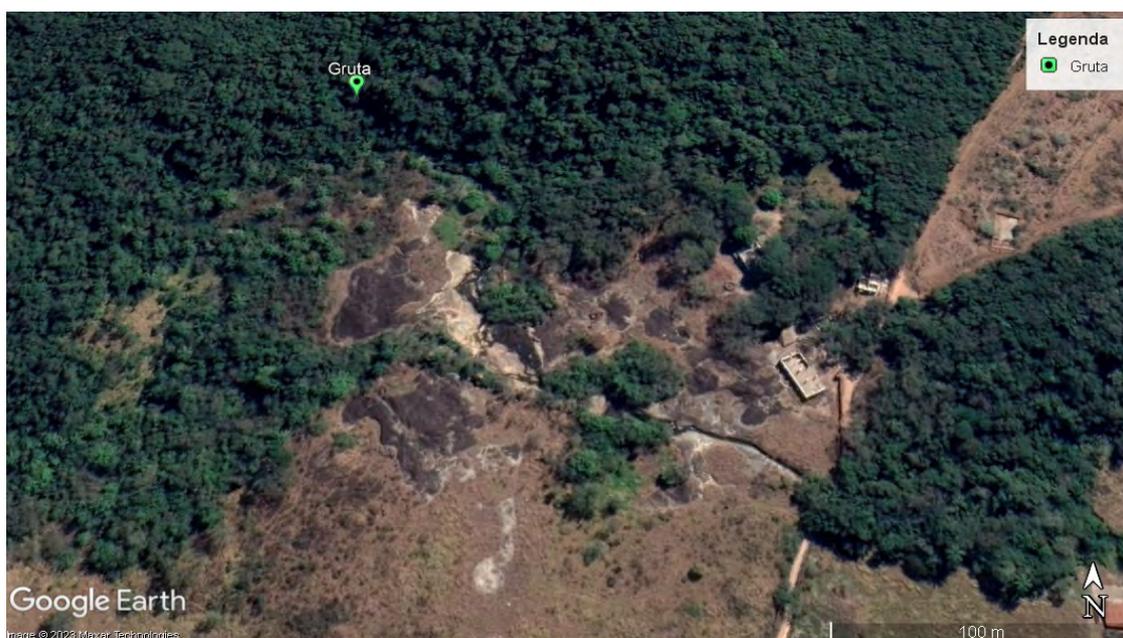
Imagem 35: Tubulação metálica para escoamento de água ao lado da ruína. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

3.3. Gruta

Em diversos relatos nas entrevistas, moradores da comunidade contam sobre os passeios à Capela Velha para lazer e turismo, passando pelas águas e adentrando através de trilhas em meio a mata, passando pelos moinhos, pelas inscrições rupestres, os vestígios do complexo de mineração de ouro, até chegar a uma gruta, bastante conhecida entre as pessoas da comunidade. Contam que em seus passeios, muitas pessoas iam até a gruta, alguns entravam nela, outros não tinham coragem. Havia histórias e lendas sobre essa gruta, para amedrontar as crianças, prevenindo que se aventurassem nos possíveis perigos da famosa caverna. Na visita técnica à área, fomos acompanhados pelos moradores até o local. Trata-se de uma caverna em afloramento quartizítico, com conduto baixo, com aproximadamente 13 m de desenvolvimento na horizontal e 1,5 m de altura, em alguns pontos 1m de altura até o teto exigindo rastejamento. Piso com grande quantidade de guano (fezes de morcegos) e material orgânico. Há uma colônia de morcegos em seu interior. Não se visualizou abismos ou condutos verticais. Teto com muita percolação e piso com grande umidade atualmente. Não foi possível visualizar eventuais vestígios arqueológicos e ou

paleontológicos devido espessa camada de fezes ou guano de morcegos em superfície, mas não se pode descartar eventuais ocorrências sotopostas. Local com grande carreamento atual de material externo, devido existência de muitos galhos recentes no interior mais profundo da gruta ou caverna. **Propício para conter vestígios pré-coloniais e ou paleontológicos em subsuperfície.** As paredes externas do abrigo foram vistoriadas pela equipe. Não identificamos vestígios de figurações e ou pinturas rupestres em seus suportes parietais abrigados.

A caverna está muito próxima das estruturas de mineração de um dos desvios rústicos coloniais de nascentes que deságuam no Córrego Aranha. Possivelmente o abrigo foi utilizado como ponto de apoio nesta atividade, pois trata-se do único abrigo no local. Deve ser considerado como componente na paisagem do complexo histórico de mineração do território da Capela Velha, além de uma importante referência imaterial e de interesse espeleológico da memória territorial local.



Mapa 11: Localização da Gruta. Fonte: Elaborado por Gabriela Azevêdo e Alenice Baeta com base em coordenadas UTM e imagens do Google Earth, 2023.

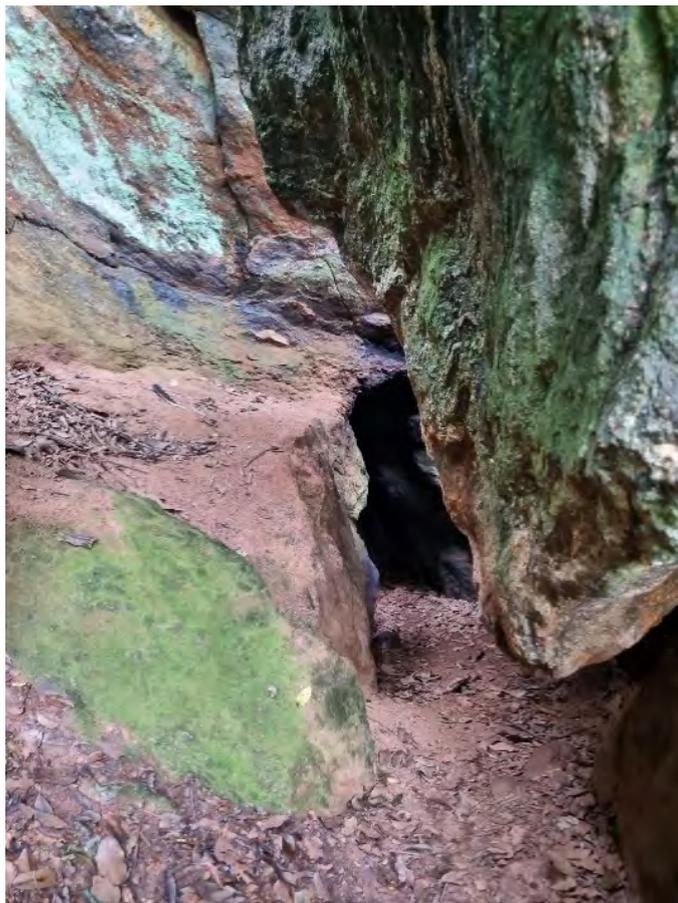


Imagem 36: Entrada da gruta. Fonte: Gabriela Azevêdo, 2023.

4. Usos Tradicionais

A história da ocupação do território da Capela Velha está vinculada a diversos usos tradicionais, passando pela moagem do milho a partir do conjunto de moinhos hidráulicos, da lavagem de roupas e utensílios domésticos nas margens do rio, pelos passeios na mata e banhos de rio (que se inserem como opções de lazer e turismo) e pelas práticas religiosas – provavelmente o uso mais antigo da área.

4.1. Moagem de milho

Como indicado anteriormente, os relatos orais apontam para a ocupação histórica das águas da Capela Velha através de seus moinhos hidráulicos.

Segundo relatos, o conjunto de quatro moinhos hidráulicos era utilizado há mais de um século cotidianamente por pessoas da comunidade para a moagem de milho voltado à produção de fubá para consumo humano e de animais de criação.

“Desde quando eu estava com a idade de uns 15 ou 16 anos, eu já levava milho pra moer lá, no tempo do meu pai... tinham 4 moinhos aqui na Capela Velha. Tinha o moinho do José Teófilo, que tinha o apelido de Juca. Tinha o segundo, dos Ourive (sic). Terceiro, José Vicente. O último aqui em cima era do Dominginho da Aguiar (sic). Nós levava (sic) milho pra moer, pagava a moagem. Aquela dificuldade, tinha que levar nos arreios do animal. Dia de chuva tinha dificuldade pra levar. E depois foi indo, a água foi diminuindo, Dona Janete sabe, aí parou os moinhos de moer. Aí já começou na época minha, não tinha energia, ninguém tinha uma picadeira de capim. Aí depois o povo foi arrumando a picadeira, e foi moendo os milhos nela. Já foi deixando os moinhozinhos pra trás. Fora que depois as águas foram fracassando. (...) A gente compra desse elétrico, mas não é igual não. O paladar, a liga até no angu, não é a mesma coisa não. (...) **Eu não gostava muito de moer milho, final de semana, minha mãe mandava e a gente queria ir em alguma festa no Aranha. Mas a gente tinha que ir, o angu era o “padre nosso” (sic) que tinha...”**
(Morador 3, 73 anos).

*“Eu levava também, pra minha mãe, mas a gente levava era pouco, para o consumo de casa. **Eu lembro que a gente levava o saco de milho, a gente ia carregando na cabeça e deixava lá. Aí no dia seguinte a gente ia e o fubá já estava no***

saco. Ou então a gente mesmo embalava. (...) e tinha o jeito que você punha, o fubá grosso e o fino. O grosso era pra animal e o fino para o consumo da casa. (...) então esses 4 moinhos que tem lá... moía pra todo mundo. Porque na época todo mundo moía. Plantava o milho, colhia e moía pra fazer fubá para o consumo da família, e também para as criações. Muita gente vendia também, nas vendas. Vendiam no quilo. (...) a gente tinha o direito de ir e vir. Entrada livre, não tinha proibição. A gente entrava pra brincar na água, pra curtir o fim de semana e também pra levar o milho pra fazer o fubá, era aquele trajeto a semana inteira.” (Moradora 2, 61 anos).



Imagem 38: Moinho na década de 1990. Detalhe de parede de pau-a-pique e rego cimentado. Fonte: Acervo pessoal de moradores.



Imagem 39: Moinho na década de 1990. Detalhe do eixo do mastro e rodízio em pleno funcionamento. Estrutura em pedra e madeirame. Fonte: Acervo Associação Comunitária de Aranha.



Imagem 40: Moinho na década de 1990. Detalhe do eixo do mastro e local onde se assentava a peça do rodízio e suas penas. Fonte: Acervo pessoal de moradores.

4.2. Lavagem de roupas e utensílios

As águas da Capela Velha eram utilizadas também, sobretudo por mulheres da comunidade de Aranha, para a prática de lavagem de roupas no rio e secagem dessas roupas nas grandes pedras à beira do córrego. Eram levados também utensílios domésticos para serem lavados no rio, cujas águas serviam também para abastecimento da comunidade, construção de casas e outras atividades. Essas práticas reforçam a **relevância da Capela Velha para a subsistência e vida cotidiana das pessoas da comunidade de Aranha ao longo do tempo.**

*“Eu tinha água encanada em casa, era essa mesma água do córrego, ela passava no quintal de casa, o carneiro mandava a água para a caixa. Mas **as pessoas que moravam no bairro***

indo pra Capela Velha, todos lavavam roupa lá, então minha prima que morava com minha avó, quando ela ia lavar os cobertores, época do frio antes de entrar, ela me chamava pra ir com ela pra lavar os cobertores da casa da vovó. Então eu ia com ela e levava os lá de casa também. Então a gente ia, levava marmitta. Lavava os cobertores todos na pedra, enxaguava os cobertores, a gente levava uns 10 cobertores de uma vez. Enxaguava na água corrente, torcia e colocava eles na pedra, a gente limpava a pedra, em uma hora estava tudo seco. Dava um tempinho virava eles. Enquanto eles secavam a gente ficava nadando. A gente molhava, tomava sol, a gente ficava de biquini. Enquanto a gente estava lavando as roupas. Voltava pra casa umas 14h, 15h com os cobertores todos secos, com a bacia na cabeça. Isso foi na década de 70” (Moradora 2, 61).

Alguns relatos apontam ainda a utilização dessas águas abundantes da Capela Velha para a construção de casas na comunidade. Também há relatos que a área foi utilizada como curral e criatório de animais.

“A água da Capela Velha foi uma água que serviu a todo mundo do Aranha. Porque não tinha água aqui. Eu construí minha casa com a água da Capela Velha. Buscava lá no carrinho, e construí minha casa com a água da Capela Velha. Tinha moinho, eu moía lá milho no moinho de água” (Moradora 1, 73).



Imagem 41: Área da corredeira no rego esculpido, possível lugar de lavagem de roupas. Fonte: Acervo Associação Comunitária de Aranha.



Imagem 42: Sequência de poços das águas da Capela Velha junto ao lajedo que era usado pelas lavadeiras para secar as roupas. Fonte: Acervo pessoal de moradores.



Imagem 43: Muro de pedra e curral para criatório de animais. Década de 1990. Fonte: Acervo pessoal de moradores.



Imagem 44: Muro de pedra e curral para criatório de animais. Década de 1990. Fonte: Acervo pessoal de moradores.

4.3. Lazer e turismo

Além do uso tradicional da área da Capela Velha voltada para atividades laborais e de subsistência, a área vem sendo há muitas décadas uma importante referência para práticas relacionadas ao lazer, lócus de relações comunitárias e de sociabilidade e atividades ligadas ao turismo local.

Moradores relatam sobre o costume de visitação à Capela Velha, sobretudo aos finais de semana, muitas vezes com a presença de familiares e amigos de outros territórios. A Capela Velha é considerada por muitos um dos principais locais para atividades de lazer em Aranha, onde se realizavam passeios na mata, banhos de rio, trilhas, dentre outras atividades. A comunidade de Aranha sempre teve livre acesso à Capela Velha, para as múltiplas atividades acima descritas, tendo seu acesso totalmente restrito após a compra da área pela Vale S.A.

*“A gente foi lá [à Capela Velha] desde criança. Moramos aqui há 45 anos. [apontando para fotos de acervo pessoal] era por aqui que a gente entrava. E aqui, é aquela parte lá embaixo que a gente vai para a caverna. (...) ali, do outro lado tinha um curral e um muro de pedras centenário. **Nós íamos meio de semana pra lavar roupa, lavar vasilha, fim de semana pra nadar. A molecada ia toda vez depois da aula**” (Moradora 4, 53 anos).*

“Quando a gente podia buscar lenha a gente passava lá pra nadar. Lá em casa não tinha banheiro, era banho de bacia e banheiro seco, então ele [o seu pai] ia tomar banho lá. Porque ele não gostava de tomar banho de bacia. E a água era mais limpa também, era outra qualidade” (Moradora 4, 53 anos).

*“Nasci aqui no Aranha, tenho 61 anos, tenho 3 netos. **A história que eu tenho [da Capela Velha] é que a gente ia todo final de semana pra lá, meus primos de fora vinham nas férias, as amigas da irmã que estudavam fora vinham, meus primos***

que vinham de SP, era o lugar que a gente tinha pra apresentar. Ficávamos lá horas e horas. Andávamos na trilha da caverna, mas quando chegava na caverna não tinha coragem de entrar lá não. A gente levava comida, lanche, pra poder ficar até mais tarde. A gente brincava muito. Por mais que não tinha um poço bom, era o lugar que a gente aprendia a nadar. Eu aprendi a mergulhar naquele poço. Lembro como se fosse hoje.” (Moradora 2, 61 anos).



Imagem 45: Lazer junto ao moinho hidráulico da Capela Velha, década de 1960.
Fonte: Acervo pessoal de moradores.



Imagem 46: Poço “Buraco do Inferno” na Capela Velha, década de 1960. Fonte: Acervo pessoal de moradores.



Imagem 47: Lazer junto ao moinho hidráulico da Capela Velha, década de 1960. Fonte: Acervo pessoal de moradores.

“A gente morava a uns 15 minutos a pé, da casa da minha vó dava uns 10 minutos da Capela Velha. (...) Nessa época o lugar pertencia a família do Juca Teófilo. **Sempre foi aberto.** Depois de muitos anos eles venderam pra outras pessoas, e quando foi no terceiro dono, fecharam. Ele era de Brumadinho, tinha mineradora. Tinha bastante caminhão. Ele comprou ligando a Capela Velha a Paraúna. Aí eles cercaram tudo. Fez casa pra caseiro. Proibiram a entrada. As pessoas não podiam divertir, nadar. Isso depois de 1990. Depois que fechou o pessoal não entrava mais não. Aí a Vale comprou ano passado e encheu de placa. Então antes mesmo fechado o pessoal ainda entrava um pouco. Tinha caseiro. (...) **então esse era o lazer que a gente tinha na época, era ir para as pedreiras, nadar, molhar. O poço a gente que fazia. Era muito divertido, a gente escorregava, caía, tomava tombo, levantava**” (Moradora 2, 61 anos).

“Enquanto eram donos da região era livre a entrada. Passou para gente estranha, acabou. Entristece muito a gente. Porque a gente mora em lugar pequeno, zona rural, a gente

não tem lazer aqui, pra gente ter lazer a gente tem que sair pra fora. Então era um lugar que a gente tinha pra curtir um final de semana. Divertir, recebia um parente, um amigo, a gente falava ‘vamo na Capela Velha!’. Então todo mundo tirava foto, registrava, adorava. **Hoje a gente fica triste por ter e não poder usar**” (Moradora 2, 61 anos).

“Eu ia lá demais com as minhas netas, essas meninas do Parreira. Tudo ia pra lá comigo. Eu vou trazer pra vocês verem, tenho muitas fotos. **Na época que a gente frequentava lá era muito bom, era aberto**” (Moradora 1, 73 anos).



Imagem 48: Lazer e descanso nas águas da Capela Velha, décadas de 1970/80. Fonte: Acervo pessoal de moradores.



Imagem 49: Lazer e descanso nas águas da Capela Velha, décadas de 1970/80. Fonte: Acervo pessoal de moradores.



Imagem 50: Lazer e descanso nas águas da Capela Velha, 1976. Fonte: Acervo pessoal de moradores.



Imagem 51: Lazer e descanso nas águas da Capela Velha, área da corredeira, década de 1990. Fonte: Acervo pessoal de moradores.

4.4. Práticas religiosas

As águas da Capela Velha possuem um forte valor histórico e simbólico em torno de seus usos tradicionais religiosos, sob diferentes perspectivas. Essa afirmação relaciona-se com o fato de que a primeira ocupação histórica do território, de que encontramos registros, remete a uma importante capela do séc. XVIII, erguida às margens do córrego, em meio às pedras da corredeira. A antiga capela se tornou ruína, talvez pela construção de uma nova igreja no centro do povoado, mas sempre se manteve como importante elemento na memória coletiva do local: a velha capela erguida por pessoas escravizadas que trabalhavam na mineração de ouro há 300 anos. Já na década de 1990, quase 200 anos depois, as mesmas águas eram utilizadas para práticas religiosas de igrejas evangélicas da comunidade, como batismos no rio, conforme relatos orais e fotografias de moradores da comunidade.



Imagem 52: Igrejas evangélicas fazendo os batismos nas águas da Capela Velha. Sem data. Fonte: Acervo pessoal de moradores.



Imagem 53: Igrejas evangélicas fazendo os batismos nas águas da Capela Velha. Sem data. Fonte: Acervo pessoal de moradores.

5. Identificação de Danos

5.1. Danos às águas, ao patrimônio, cultura, turismo

e lazer

O trabalho de elaboração deste dossiê conseguiu identificar danos em diferentes âmbitos – relacionados à quantidade e qualidade da água da Capela Velha que abastece a comunidade de Aranha, no que tange ao lazer e turismo, ao patrimônio cultural, arqueológico e natural apresentados anteriormente.

- Moradores relatam que observaram que a **diminuição da quantidade e qualidade da água** na comunidade de Aranha está relacionada à atividade da mineradora Vale S.A. no território de Brumadinho nas últimas décadas.

Os estudos realizados pela consultoria Archipel (2022a e 2022b)² apontam a **contaminação das águas** que abastecem diversas comunidades de

² O estudo da Archipel considerou dentro de sua metodologia a região de Brumadinho como área de desastre. Foram 125 coletas em 78 pontos de água para consumo e subterrânea. As águas superficiais analisadas também não se enquadram nos padrões técnicos aceitáveis para cursos d'água. Para aprofundar mais a questão,

Brumadinho (sejam elas águas de consumo, superficiais ou subterrâneas). Diversos dos pontos de coleta não estão dentro dos parâmetros para água potável. Também foram identificados metais pesados, “potencialmente relacionados às atividades de mineração na área do desastre, pois são encontrados em elevados teores no rejeito de minério” (Archipel, 2022b, p.76). Estudos desenvolvidos pela Fiocruz³ também apontam para metais pesados em crianças da região⁴, sobretudo no Aranha:

“Toda a população estudada apresenta concentrações de arsênio detectáveis nas amostras de urina analisadas. (...) A principal forma de exposição ao arsênico inorgânico é pela ingestão de água. Pelo menos metade das crianças com exposição excessiva a esse metal é residente de Aranha, localidade com alto consumo de outras fontes de água” (ASMUS et al., 2002, p.07).

“Sobre a diminuição de água, pra mim, a diminuição de água desse local denominado Capela Velha, se deu a partir do momento em que a Vale entrou aqui e começou a explorar com poder tecnológico maior. Porque antes tinha a mineradora Ferteco mas eles não exploravam tanto nessa quantidade industrial que a Vale fez. Então de lá pra cá, nos últimos 40 anos, gradativamente a água foi acabando. A gente tinha muita casa de mina que secou, os regos que

acessar os estudos disponíveis no site da Aedas: <aedasmg.org/analises-sam-brumadinho/>.

³ A Fiocruz, por sua vez, fez a pesquisa nas comunidades do Córrego do Feijão, Parque da Cachoeira, Tejuco e Aranha.

secaram. O Aranha mesmo tinha rego que passava na rua principal, era lugar até que o povo lavava vasilha também, acabou tudo, os animais paravam pra beber água, mas tudo secou. As casas eram abastecidas por esse rego. Mas a água em geral aqui diminuiu muito por causa do uso minerário excessivo. A Capela Velha que era um local de lazer que tinha muita água, foi um dos primeiros locais a dar sinais de morte, pouca água, poluição” (Moradora 4, 53 anos).

- **Perda de referências e sentidos de pertencimento** devido à **quantidade de pessoas das empresas terceirizadas** da Vale S.A., além da **compra de grandes porções de terra pela mineradora causadora do desastre.**

*“Depois da tragédia [rompimento] piorou muito, porque aumentou a população por causa de interesse financeiro, emprego. Porque a vale está dando muito emprego terceirizado, então está vindo gente de todo canto do mundo, pra trabalhar., **então Brumadinho não é o Brumadinho mais, ele não é nosso mais. Está horroroso”** (Moradora 2, 61 anos).*

- Aumento do tráfego de veículos e “pessoas de fora”, gerando **medo, insegurança, riscos, perda da liberdade de locomoção**, com agravadores sobre mulheres, crianças e idosos, além de **alterar negativamente as condições e trânsito e aumentar significativamente o tempo de deslocamento** para outros territórios.

“O trânsito que a gente pega pra chegar dentro da sede é uma dificuldade, por causa do trajeto. As pessoas que não são

da terra, que vão chegando, não estão nem aí. Nós daqui todos temos fossa, e hoje eu vejo que muitos sitiantes jogam o esgoto dentro do córrego que passa aqui.” (Moradora 2, 61 anos).

- **Intimidação e constrangimento** de moradores por meio de placas de “propriedade particular”, seguranças e drones, impedindo o acesso a Capela Velha, um território tradicionalmente ocupado há séculos, e que deveria ser valorizado e preservado como patrimônio da comunidade de Aranha.

*“Já aconteceu comigo de tentar entrar [na Capela Velha] e eles não deixarem, mas **isso machuca, é a mesma coisa de bater na gente.**” (Morador 1, 73 anos).*

- **Perda da liberdade de ir e vir devido ao medo** do movimento de veículos, **aumento do tráfego e às mudanças drásticas provocadas pela atividade minerária predatória** e em grande escala no território e intensificadas após o rompimento da barragem.

*“**Vai tirando a liberdade do povo. Os que ficam vão perdendo a liberdade, até de sair. Vai fazer uma caminhada, eu já não tenho como mais. Até uma caminhada nesse asfalto é perigoso, é movimento demais.** Antes você ia sem medo, uma criança, um idoso... **os veículos passam com muita velocidade, eles acham que a preferência é dele**” (Morador 1, 73 anos).*

- Os relatos apontam ainda para danos relacionados à **preocupação e medo de novos empreendimentos minerários e seus efeitos negativos no território**. Esse medo é intensificado desde o rompimento da barragem em 2019 e principalmente, para a comunidade de Aranha, com a compra de grandes porções de terras pela empresa Vale S.A. em seu território.

*“A empresa mineradora Vale comprou a fazenda Capela Velha e logo as casas que ali existiam foram delas retiradas telhas e janelas. Depois de alguns dias uma empresa de **demolição destruiu todas as casas**, levou os entulhos para outro local e ainda ampliou a estrada de acesso a área. Para a demolição e retirada do material, a **empresa usou máquinas gigantescas, que transitou pela comunidade de Aranha, causando espanto, medo e desinformação. Não ocorreu nenhum tipo de aviso prévio, ou consulta para os moradores locais**. Após tudo isso, a Vale colocou uma placa na área, entretanto sem o símbolo da empresa, mas o padrão é o mesmo que ela usa em outras comunidades como em Córrego do Feijão. (...) essa ação da Vale não só **causou medo, desinformação e indignação junto aos moradores, como também conflitos na comunidade**” (Associação Comunitária de Aranha, Minuta de Ofício, 2022).*

Nos produtos apresentados pela consultoria especializada contratada pela AEDAS no âmbito do processo de reparação do município de Brumadinho (CONNECTARET, 2022b), a Capela Velha é mencionada diversas vezes pelos

moradores da região como um território de grande relevância para o lazer, turismo e cultura. É tratada como um bem cultural bastante importante para a comunidade sempre citada como um local de atenção nos processos de reparação aos danos ao turismo, lazer, água e cultura. Quanto aos danos apontados pelas pessoas atingidas da comunidade de Aranha no âmbito da cultura, e que constam nesses produtos, estão:

- Redução do fluxo de turistas e visitantes, portanto, danos a toda cadeia produtiva local do turismo;
- Redução de festas tradicionais devido ao luto;
- Estigmatização do território após o rompimento da barragem;
- Aumento do tráfego de veículos grandes e pequenos, gerando transtornos cotidianos, medo e risco de acidentes, além do trânsito intenso, que torna pequenos deslocamentos algo muito demorado e complicado.

As pessoas atingidas relatam reiteradamente sobre a **falta de opções de lazer e divertimento em seu território, sobretudo com a proibição do acesso à área de ocupação tradicional denominada Capela Velha**. Por isso, consideramos de extrema importância considerar os **danos multidimensionais sofridos pela comunidade de Aranha cotidianamente e continuamente com o desastre sociotecnológico, e o desejo da comunidade em ter pleno e livre acesso à área Capela Velha como parte do processo de reparação integral** dos danos à cultura, patrimônio, lazer e turismo. A obstrução do acesso da comunidade ao território memorial Capela Velha, verdadeira guardiã da localidade, poderá provocar a intensificação de

danos sofridos e gerar novos danos, como a destruição dos sítios arqueológicos acima elencados, seja pelo abandono, seja pela demolição intencional de terceiros, o que tem gerado muita preocupação da comunidade.

Quadro 1- Síntese dos danos identificados

DANOS	TIPIFICAÇÃO / LESÕES / BENS JURÍDICOS	FONTES
Diminuição da quantidade e qualidade da água na comunidade de Aranha	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Indicativos de água contaminada; ▪ Comprometimento da saúde física e mental; ▪ Comprometimento de atividades produtivas e de lazer relacionadas à água. 	Entrevistas e relatos orais que subsidiam este dossiê Conectaret, 2022
Perda de referências e sentidos de pertencimento devido à quantidade de pessoas das empresas terceirizadas da Vale, além da compra de grandes porções de terra pela mineradora.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perda de acesso a espaços de lazer; ▪ Alteração negativa das relações sociais comunitárias; ▪ Ameaça à tradicionalidade. 	Entrevistas e relatos orais que subsidiam este dossiê Conectaret, 2022
Aumento do tráfego de veículos e “pessoas de fora”, gerando medos, riscos , prejudicando a locomoção e o direito de ir e vir, aumentando significativamente o tempo de deslocamento para outros territórios.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Poluição sonora e do ar; ▪ Perda de liberdade; ▪ Alteração negativa da saúde física e mental; ▪ Dificuldade de locomoção e acesso a outros territórios; ▪ Medo e risco à segurança, sobretudo a mulheres, crianças e idosos. 	Entrevistas e relatos orais que subsidiam este dossiê Conectaret, 2022
Perda da liberdade de ir e vir devido ao medo do movimento, aumento do tráfego e às mudanças drásticas provocadas pela atividade minerária	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comprometimento da segurança dos moradores; ▪ Perda de liberdade; ▪ Dificuldade de locomoção e acesso; ▪ Medo e insegurança; 	Entrevistas e relatos orais que subsidiam este dossiê

predatória e em grande escala no território e intensificadas após o rompimento da barragem.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alteração dos modos de vida tradicionais. 	Conectaret, 2022
Intimidação de moradores por meio de placas de “propriedade particular”, seguranças e drones, impedindo o acesso a um território tradicionalmente ocupado há séculos, e que deveria ser tratado como patrimônio da comunidade de Aranha.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Medo e insegurança; ▪ Constrangimento; ▪ Alteração negativa dos modos de vida e relações de sociabilidade. 	Entrevistas e relatos orais que subsidiam este dossiê
Redução do fluxo de turistas e visitantes e portanto, danos a toda cadeia produtiva local do turismo.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perda de acesso a pontos turísticos; ▪ Falta de atividades culturais e econômicas. 	Conectaret, 2022
Redução de festas tradicionais devido ao luto.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perda de atividades culturais e sociabilidades; ▪ Luto; ▪ Ameaça à tradicionalidade; ▪ Alteração negativa dos modos de vida. 	Conectaret, 2022
Estigmatização do território após o rompimento da barragem.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desestímulo a atividades econômicas e socioculturais; ▪ Danos à cadeias produtivas e econômicas como o turismo, agricultura, comércio e outros. 	Conectaret, 2022

<p>Falta de opções de lazer e divertimento em seu território, sobretudo com a proibição do acesso à área de ocupação tradicional denominada Capela Velha</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perda de acesso a território tradicionalmente ocupado; ▪ Alteração negativa dos modos de vida. 	<p>Conectaret, 2022</p>
<p>Obstrução do acesso da comunidade ao território Capela Velha, podendo gerar mais destruição e/ou depredação dos sítios históricos e arqueológicos que compõem o território, seja por abandono seja por depredação, como já vem sendo indicado pela comunidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perdas e danos à Patrimônio cultural e arqueológico e memória social. (obs.: já houve o desaparecimento da peça pétrea, por exemplo). 	<p>Entrevistas e relatos orais que subsidiam este dossiê</p>
<p>Preocupação e medo de novos empreendimentos minerários e seus efeitos negativos no território.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alteração negativa da saúde física e psicológica das pessoas; ▪ Conflitos entre pessoas da comunidade; ▪ Alteração negativa das relações comunitárias e redes de sociabilidade. 	<p>Entrevistas e relatos orais que subsidiam este dossiê</p>

6. Considerações Finais

6.1. Capela Velha: patrimônio a ser protegido

Considera-se que uma das principais contribuições deste dossiê se refere ao levantamento de dados primários e secundários sobre os bens culturais e os

sítios arqueológicos da Capela Velha, no entendimento de tais bens como patrimônio que precisa urgentemente de proteção nas escalas federal, estadual e municipal.

A proteção em **escala federal** fica a cargo do IPHAN, órgão responsável por todo patrimônio arqueológico nacional, protegido pela Constituição de 1988 e pela Lei nº. 3.924, de 1961, sendo considerados patrimônio cultural brasileiro e Bens da União. Como apresentado anteriormente, foram identificados cinco sítios arqueológicos no território da Capela Velha, e a arqueóloga, Alenice Baeta, está em processo de inscrição dos mesmos no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA). Assim que o processo de cadastro e a avaliação por técnicos do Iphan estiver concluído, tais bens passam a ser de interesse nacional, sendo “**proibidos o aproveitamento econômico, a destruição ou a mutilação dos sítios arqueológicos**, antes de serem pesquisados por arqueólogas e arqueólogos” (BRASIL, 2018), com a devida autorização do Iphan.

O Art.5 da Lei nº. 3.924/1961 define que “qualquer ato que importe na destruição ou mutilação dos monumentos a que se refere esta Lei será considerado crime contra o Patrimônio Nacional e como tal, punível de acordo com o disposto nas leis penais”. Importante pontuar que a preservação dos sítios arqueológicos é direito e dever de todos os cidadãos, e uma competência comum da União, dos estados e dos municípios proteger os sítios arqueológicos.

No que tange a **escala estadual**, ficou comprovado ao longo deste dossiê que o território da Capela Velha está diretamente vinculado à memória histórica da mineração no estado de Minas Gerais e da sua estrutura colonial escravista. Inclusive, muitos dos argumentos para o tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico da Serra da Calçada (em 2008), pelo IEPHA,

podem ser identificados também na Capela Velha. No *Guia de Bens Tombados* (2014, p.199-202) do Iepha, faz-se referência a:

- Memória histórica da mineração em Minas Gerais
- Núcleos urbanos e de mineração
- Complexo minerário do Forte de Brumadinho
- Conjunto de ruínas que interessam pela sua diversidade de ocupação e pelo caráter histórico hoje agregado
- Tombamento do conjunto por sua motivação histórica e paisagística
- Importância quanto patrimônio arqueológico
- Processos da ocupação do território mineiro, com a exploração do ouro como atividade nuclear

Somando-se a esses elementos, temos ainda a diversidade ecológica de uma mata ciliar bem preservada, com fontes de água e grande potencial turístico de base comunitária. Reforçamos assim a reivindicação de reconhecimento deste território como patrimônio cultural do Estado de Minas Gerais.

Este dossiê apresentou a Capela Velha como lugar de uso e ocupação tradicional pela comunidade de Aranha, nos últimos 300 anos, para atividades laborais, de lazer, turismo e práticas religiosas. A Capela Velha faz parte da história do município de Brumadinho e dos municípios vizinhos (Ouro Preto e Itabirito, dos quais já fez parte). A Capela Velha é um lugar de referência cultural para sua comunidade, repleta de significados, de memória e de valores culturais, paisagísticos, naturais e simbólicos que necessitam de reconhecimento e conservação. Assim sendo, a Capela Velha necessita de

urgente **proteção municipal** de forma integrada, que reconheça a existência de seus bens culturais de natureza material e imaterial, assim como seus sítios arqueológicos e sua biodiversidade.

6.2. Recomendações técnicas sobre as medidas de reparação

Com base no levantamento apresentado, a equipe de Patrimônio, Cultura, Turismo, Esporte e Lazer (PCLE) da AEDAS, em consonância com as pessoas atingidas da comunidade, faz as seguintes recomendações técnicas, no âmbito do processo de reparação referente ao desastre sociotecnológico:

1. Que sejam tomadas as devidas medidas, pelas instituições competentes, no sentido de **garantir a preservação do patrimônio cultural, arqueológico e natural do território da Capela Velha**, considerando seu incomensurável valor simbólico e histórico para a memória, identidade e territorialidade da comunidade de Aranha, bem como para a história do estado de Minas Gerais, considerando a riqueza dos elementos identificados;
2. No que tange à questão de cultura, memória e patrimônio, indicamos que **trata-se de um território de valor inestimável para a comunidade de Aranha, que já manifestou através de depoimentos de diversos moradores o interesse em transformar a área em um local de valorização e preservação da cultura local, de forma autônoma por parte das pessoas da comunidade;**
3. O território é ainda de grande relevância para práticas de atividades de lazer, recreação, turismo ecológico e cultural, com potencialidades de desenvolvimento socioeconômico, com atividades organizadas de forma a valorizar a cultura e ecologia locais.

4. **A área deve ser considerada como parte essencial do processo de reparação de danos coletivos relacionados a cultura, turismo, esporte e lazer**, decorrentes do rompimento da barragem da Vale S.A.;
5. Que os danos identificados neste dossiê, bem como os elementos analisados referentes ao patrimônio, usos tradicionais e águas da Capela Velha, sejam considerados no âmbito dos **Projetos Comunitários do Anexo 1.1** do Acordo judicial assinado em 2021, que trata da reparação socioeconômica das comunidades atingidas pelo rompimento.
6. Quanto a correlação entre danos decorrentes do rompimento e reparação desses danos, é importante ressaltar que a comunidade de Aranha vem sofrendo diversos danos nos últimos anos relacionados à saúde, qualidade do ar e água, lazer, cultura, dentre outros, citados no tópico anterior. Nesse sentido, a compra da área pela mesma empresa que vem provocando estes e outros danos profundos é motivo de medo, revolta e adoecimentos, pois trata-se de uma área de central importância para a comunidade em diferentes eixos e há um grande receio de que haja um empreendimento minerário poluidor e gerador de novos danos. Nesse sentido, **recomenda-se que o território tradicional não seja propriedade privada da Vale S.A. ou qualquer outra empresa mineradora**;
7. Recomendamos o atendimento à solicitação feita pela Associação Comunitária de Aranha, de que haja **livre acesso e gestão autônoma da área, feita pela própria comunidade, que seja transformada em área de preservação do patrimônio cultural, arqueológico e natural**, bem como dos costumes e modos de vida locais, e ainda, de preservação do patrimônio natural e sua relação harmoniosa com atividades de lazer e turismo de base comunitária.

8. Reforçamos a solicitação feita por representantes da Associação Comunitária de Aranha, a respeito da **localização e devolução ao sítio histórico dos Moinhos Capela Velha da peça pétreá mó que se encontrava no local até recentemente**. Ressalta-se que este tipo de artefato traz consigo importantes elementos tipológicos para melhor compreensão dos aspectos construtivos e estilísticos dos moinhos;
9. Reforçamos a **necessidade urgente de medidas de conservação e de proteção do maquinário remanescente do moinho constituído por peças de madeira**, portanto, frágeis as ações do tempo e depredações humanas;
10. Recomendamos ainda que seja considerada a **importância crucial das águas da Capela Velha, para as quais deve-se direcionar especial atenção e de forma integrada, incluindo a preservação e revitalização de nascentes, bem como preservação dos cursos d'água**, sob a perspectiva ambiental, social e de saúde coletiva;
11. Recomenda-se considerar o **patrimônio cultural, arqueológico e natural** da área de forma **integrada**, como um conjunto cujos elementos materiais e imateriais estão integrados entre si e à memória presente nos relatos das pessoas da comunidade, histórias transmitidas por gerações e que ainda conformam boa parte da identidade e territorialidade, tanto local quanto estadual.

7. Referências

AEDAS. Archipel. Avaliação de Risco à Saúde Humana – Estudo Preliminar: Levantamento de Danos Relativos aos Aspectos Ambientais – Fase 2: Região 1 – Brumadinho. Belo Horizonte: Aedas Paraopeba, 2022b. Disponível em: aedasmg.org/analises-sam-brumadinho/

AEDAS. Archipel. Relatório Técnico Final: Diagnóstico de Danos e Impactos Relativos aos Aspectos Ambientais – Fase 2: Região 1 – Belo Horizonte: Aedas Paraopeba, 2022a. Disponível em: aedasmg.org/analises-sam-brumadinho/

AEDAS. Conectaret. Produto 4: Relatório Técnico PCLE Região 1, Brumadinho. Belo Horizonte: Aedas Paraopeba, 2022a. Disponível em: <https://aedasmg.org/mapadanospcler1/>

AEDAS. Conectaret. Produto 7: Relatório Técnico PCLE Região 1, Brumadinho. Belo Horizonte: Aedas Paraopeba, 2022b. Disponível em: <https://aedasmg.org/mapadanospcler1/>

ALMEIDA, A. W. B. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. In: _____ Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: Fundação Ford, PPGSCA-UFAM, 2006. P. 21-99. v. 2 (Coleção Tradição e Ordenamento Jurídico)

ANDRADE, Francisco de C. D. A presença de moinhos hidráulicos no Brasil. *Anais do Museu Paulista*, v. 23, n. 1, Jan-Jun, 2015.

ASMUS et al. Protocolo do estudo longitudinal de saúde infantil em Brumadinho (MG): Projeto Bruminha. In: *Revista Brasileira Epidemiol.* 2022.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE ARANHA. Ofício entregue ao MPF, DPU-MG, IPHAN, IEPHA, Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de Brumadinho. *Em defesa das águas, da memória, do patrimônio cultural e da vida. Pela proteção da "Capela Velha". Pelo livre acesso à área Comum e Tradicional da comunidade de Aranha.* 27 de março de 2023.

CIA Melhoramentos. Mapa de Belo Horizonte de 1932. Documento Cartográfico / Seção Cartographica da Companhia Melhoramentos, Esc. 1:100. Belo Horizonte, 1932.

DELGADO, Lucila. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: *Dossiê Tempo e Narrativa. Revista História Oral*, 6, 2003.

HALFIELD, H. G F. & WAGNER, F. *A Província Brasileira de Minas Gerais*, Tradução de M. Ávila, Fundação João Pinheiro-FJP, Belo Horizonte, 1998.

HALFIELD, H. G F. & WAGNER, F. Mapa da Província de Minas Gerais de 1855.

IEPHA. Guia de Bens Tombados, v.2. 2014. Disponível em: <www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/7/GBT-V2.pdf>. Acesso em: 19 jun 2023.

IPHAN. Lei nº3.924, de 26 de julho de 1961. Disponível em: <portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_3924_de_26_de_julho_de_1961.pdf> Acesso em: 19 jun 2023.

IPHAN. Patrimônio Arqueológico. Disponível em: <www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico>. Acesso em: 19 jun 2023.

JARDIM D. L & JARDIM, M. C *História e Riquezas do Município de Brumadinho*. Prefeitura Municipal de Brumadinho, Brumadinho, 1982.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. In: SIMPÓSIO NATUREZA E SOCIEDADE: desafios epistemológicos e metodológicos para a antropologia. 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado, Rio Grande do Sul, 2002

MAGALHÃES, Valeria Barbosa de (org.). "Introdução". História oral e migrações: método, memória, experiências. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993

SILVA et al. Sobreposição de riscos e impactos no desastre da Vale em Brumadinho. In: *Cienc. Cult.* vol.72 n.2, 2020.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

Entrevistas com os Moradores

Moradora 1. Entrevista concedida a Ana Beatriz Nogueira. Brumadinho, 08 fev. 2023.

Moradora 2. Entrevista concedida a Ana Beatriz Nogueira. Brumadinho, 01 fev. 2023.

Moradora 2. Entrevista concedida a Ana Beatriz Nogueira. Brumadinho, 08 fev. 2023.

Morador 3. Entrevista concedida a Ana Beatriz Nogueira. Brumadinho, 01 fev. 2023.

Moradora 4. Entrevista concedida a Ana Beatriz Nogueira. Brumadinho, 01 fev. 2023.

Moradora 4. Entrevista concedida a Ana Beatriz Nogueira. Brumadinho, 08 fev. 2023.

Esse material é uma produção da Aedas - Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social, que contribui para viabilizar a participação informada, controle social e organização das pessoas e comunidades atingidas pelo rompimento das barragens BI, B-IV e B-IVA da Mina Córrego do Feijão da Vale S.A, no âmbito do Acordo Judicial firmado em fevereiro de 2021, entre as Instituições de Justiça, a Vale S.A e o Governo de Minas Gerais.

